



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LISSANDRA CASSIANO DE OLIVEIRA

MULHERES MÃES NA EJA: DAS DIFICULDADES ÀS SUPERAÇÕES,
QUANDO NÃO EXISTE A OPÇÃO DESISTIR...

JOÃO PESSOA

2023

LISSANDRA CASSIANO DE OLIVEIRA

MULHERES MÃES NA EJA: DAS DIFICULDADES ÀS SUPERAÇÕES,
QUANDO NÃO EXISTE A OPÇÃO DESISTIR...

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Dra. Maria da Luz Olegário

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48m Oliveira, Lissandra Cassiano de.
Mulheres mães na EJA: das dificuldades às
superações, quando não existe a opção desistir... /
Lissandra Cassiano de Oliveira. - João Pessoa, 2023.
59 f. : il.

Orientação: Maria da Luz Olegário.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia - área de aprofundamento em Educação de
Jovens e Adultos) - UFPB/CE.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Mães - Educação
de jovens e adultos. 3. Dificuldades - sala de aula. I.
Olegário, Maria da Luz. II. Título.

UFPB/CE

CDU 374.7(043.2)

LISSANDRA CASSIANO DE OLIVEIRA

MULHERES MÃES NA EJA: DAS DIFICULDADES ÀS SUPERAÇÕES,
QUANDO NÃO EXISTE A OPÇÃO DESISTIR...

Aprovado em: 12 / 06 / 2023 Nota: 10

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Maria da Luz Olegário

Orientadora (DHP-CE-UFPB)

Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

Examinadora (DHP-CE-UFPB)

Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda

Examinadora (DME-CE-UFPB)

JOÃO PESSOA

2023

Dedico:

A todas as ancestrais, mulheres, que vieram antes de mim, viveram e lutaram para que eu esteja e seja, plenamente.

A Chico Paulino meu pai/avô, (encantado) que não permitiu que o abandono paterno me fizesse crescer sem uma referência saudável de homem, e hoje vive, presente nas minhas histórias e memórias.

A Almiza Chaves, minha mãe/“vódrasta” que adotou não só a mim, mas toda a família.

E a sua mãe, Dona Bia (encantada) que foi referência de avó para mim. Mulher preta, mãe solo, símbolo da força e resistência materna quando há abandono paterno.

As minhas filhas: Heloiza, Giovanna e Ana Clara, que me proporcionam diariamente tantas aprendizagens, sem as quais eu não seria quem sou hoje.

A Zion Bernardo, meu primeiro neto, filho da Ana, que chegou antes dos meus trinta anos e durante a construção deste trabalho.

A todes vocês: Este singelo trabalho, o meu respeito e amor.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos sentimentos mais nobres e universais que os seres humanos podem incorporar às suas vivências diárias. Agradeço à mãe natureza e a todas as forças naturais, espirituais e etéreas que regem o Universo e me permitem habitar este corpo e esta terra que me sustenta.

Agradeço por tudo: pelas conquistas e pelas derrotas, pelos avanços e pelos fracassos, pelas dores e pelos prazeres, pelas alegrias e pelas tristezas, pelas situações de extrema felicidade e até pelos momentos de grande contrariedade, tristeza e angústia, pois, a partir de todas essas vivências, me tornei quem sou hoje, uma pessoa tentando ser mais humana a cada dia, sempre em busca da educação, do conhecimento crítico, da sabedoria, construindo a capacidade de reconhecer e acolher a todas as experiências e sentimentos que por ventura eu experimentar ou presenciar, sempre agradecendo pela oportunidade de viver e aprender, aprender e ensinar, ensinar e colocar em prática o que aprendo.

Agradeço a minha mãe biológica Luciene Cassiano de Oliveira a quem devo minha vida, pois foi ela quem me deu, sozinha. Agradeço aos meus avós, Francisco Roque de Oliveira, seu Chico Paulino (in memorian) e Almiza Chaves de Oliveira, de quem recebi todo o amor e cuidados necessários para o meu crescimento e melhor desenvolvimento possível. A minha avó Bia (in memorian), mulher preta que, abandonada pelo esposo com 3 filhos pequenos, foi exemplo de potência, resistência e superação como mãe. A minha avó Joana (in memorian), que tanta saudade deixou nos corações de toda a família, mas que do plano espiritual, nos olha e me inspira a cuidar de mim, e de todes.

Agradeço às minhas filhas, Maria Heloiza, Giovanna e Ana Clara, pela honra e confiança que me deram ao me escolherem -cada uma a seu tempo e modo- para ser sua mãe. Que eu sempre honre esse compromisso firmado no amor incondicional.

Às minhas tias Alzana, Lindaci, Jani, Sidina, que sempre acreditaram no meu potencial. Ademais agradeço a toda a família, consanguínea ou não, encarnada ou desencarnada, as que já se foram, as que aqui estão, e as que ainda virão.

Em especial, agradeço às pessoas que me apoiaram e incentivaram a ser a primeira da minha família a ingressar em uma Universidade Federal. Para uma mãe adolescente que vem da zona rural, sem pai nem mãe, e já com uma filha, a vida na cidade pode ser uma “Espiral de Ilusões” como canta o rapper, cantor e compositor Kleber Cavalcante Gomes mais conhecido pelo seu nome artístico, Criolo, em um de seus álbuns, a música de mesmo nome; Espiral de ilusões:

Eu já descobri tudo o que você fez / Não era só eu e você, éramos três / Pessoa magoada quer proteger / Gênero se reúne não tem pra você / é que amar é algo novo pros homens / Mulheres amam, homens não sei o quê (...) Abaixei seu tom não fale por mim / Mulher tem fibra não vá destruir / Num espiral de ilusão você se meteu e lá me jogou / Com você foi total desamor (CRIOLO, 2017)

Ironicamente, a música é composta e cantada por um homem, mas aborda sentimentos femininos como a angústia de viver uma relação violenta em que o casal tem filhos e enfatiza a reunião de sujeitos em torno do combate às violências de gênero. E eu agradeço (não ao desamor) mas a todo amor que vivi anteriormente no lar de meus pais/avós, experiência esta que me permitiu estranhar as violências psicológicas, morais e financeiras vividas na ocasião de um relacionamento abusivo.

Agradeço às minhas amigas Érika Nicácio Benemond e Giselle Siqueira Antun Maia, que me acolheram desde o primeiro dia de aula até os dias atuais, provando as frases que esta música enfatiza “Gênero se reúne não tem pra você / é que amar é algo novo pros homens / Mulheres amam, homens não sei o quê”. Gratidão minhas bruxinhas pedagogas subversivas.

Agradeço a Daniel da Rocha Cruz, meu amigo, companheiro desta e de outras vidas, com quem divido meus dias, minhas alegrias, minhas angústias, meus aprendizados e todo o trabalho doméstico proveniente de um lar funcional com crianças. Ele me lembra a cada dia, através de suas atitudes e seu trabalho, que para ser um bom homem, é necessário que seja muito mais que um provedor e faça mais do que a própria obrigação, entendendo o real sentido de responsabilidade e cuidado para com as gerações mais jovens.

Agradeço à UFPB e seu quadro docente nas pessoas de: Carmen Sevilla, Edson Guedes, Fábio Fonseca, Deborah Cabral, Jeanne Félix, Vaz Neto, Alexandre Magno, Conceição Miranda, Ana Paula Romão, Quézia Furtado, Vinícius Varella, Dimas Lucena, Lusival Barcellos e todos os professores e professoras que fizeram parte da minha caminhada, os quais são muitos.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora Maria da Luz Olegário, sem ela, não seria possível continuar a caminhada rumo ao conhecimento. Obrigada por nunca me assustar com suas correções, por nunca ter me feito sentir que não dava conta, por não questionar minha escrita de forma a me desestimular, mas pelo contrário, me ajudar a melhorá-la cada vez mais. Agradeço por ser tão precisa, tão gentil e por não me dar demandas maiores do que as que consigo alcançar. Sou grata por cada palavra, cada vírgula, acrescentada ou retirada e honro sua profissão exercida com maestria e zelo pelo humano e divino que habita cada estudante que como eu, bebe na fonte do seu saber, saber esse que desperta quem por muito

tempo estava travada e desesperançosa como eu estive. Que as correntes que travam a evolução mental, social, psíquica e profissional de todas as mulheres sejam quebradas, uma a uma, e de uma vez por todas.

Por fim, agradeço a todas as crianças que passaram pela minha vida, algumas já adultas hoje, e às forças matriarcais que regem o Universo, por terem me dado a virtude e a responsabilidade de ser mãe. Que eu honre sempre esta missão.

*Meu amor / * Minhas filhas
Me ensina a escrever / Vejo vocês crescendo
A folha em branco me assusta / Quero também escrever
nossa história
Eu quero inventar dicionários / Dar significâncias e
significados
Palavras que possam tecer / Que possam ajudar a viver
A rede em que você descansa / Cuido do bem estar de
todas
E os sonhos que você tiver / Pois são minha motivação pra
viver*

*Meu amor / Minhas lindas filhas
Me ensina a fazer / Aprendo tanto com vocês
Uma canção falando quanto custa / O quanto custa nosso
silêncio?
Trancar aqui dentro as palavras / Querendo gritar,
explodir
Calando e querendo dizer / Guardando e contando
segredos de mulheres
Não sei se o poema é bonito / Que as palavras em minha
boca
Mas sei que preciso escrever / Sirvam de inspiração a
vocês*

*Música: me ensina a escrever
(OSWALDO MONTENEGRO, 2014)
* Livre interpretação da autora, mãe.*

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, o tema em discussão trata-se de mulheres mães e estudantes que estudaram na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA, em uma Escola Estadual do município de João Pessoa -PB. A partir de uma pesquisa de campo, do tipo exploratória, de abordagem qualitativa, o objetivo principal é analisar o percurso dessas mulheres que estão cursando ou concluíram o ensino médio, com vistas a identificar desafios, superações e expectativas na trajetória educacional e materna, através da análise de narrativas autobiográficas. Por qual motivo as mulheres mães se matricularam na modalidade EJA? Como a maternidade se relaciona com a vida estudantil? Quais as maiores dificuldades para conseguirem estudar? Como têm conseguido superá-las? O que almejam ao concluir o ensino médio? São as questões respondidas ao longo da pesquisa. Para sustentar a discussão teórica, os autores e autoras principais são: Freire (1979), Ribeiro (2007), Biroli (2018), Scherer, Santos (2021), entre outros/as. São aqui apresentadas vozes (como a minha) de mulheres mães estudantes que contamos nossas histórias de vida, com interrupções em nossas trajetórias escolares, bem como a superação dos desafios impostos pelas desigualdades de gênero, sociais, étnicas e, principalmente, por sermos mães em um país que carrega fortes traços do patriarcado, racismo e colonialismo. Os resultados obtidos confirmam que as mulheres são impelidas a assumirem a exclusividade do cuidado com filhos e filhas, trabalho doméstico e, por vezes, trabalho remunerado ou não; tais condições nos levam a uma sobrecarga de atividades e, por consequência, abandonar os estudos pode ser a única opção, para algumas. Outras voltam a estudar, por vezes, anos mais tarde, sonham e chegam à universidade. Concluimos, assim, que a discussão pode contribuir para a identificação com outras vozes, no entrecruzar discursivo de outras histórias de (re)conhecimento de tantas mulheres que são mães e também estudantes.

Palavras chave: Mulheres; Mães; EJA; Histórias de vida; Dificuldades; Superações; Sonhos.

ABSTRACT

WOMEN MOTHERS IN EJA: FROM DIFFICULTIES TO OVERCOME, WHEN THERE IS NO OPTION TO GIVE UP

In this Course Completion Work, the topic under discussion is about women, mothers and students who studied in the Youth and Adult Education modality - EJA, in a State School in the city of João Pessoa -PB. Based on an exploratory field research, with a qualitative approach, the main objective is to analyze the path of these women who are attending or have completed high school, with a view to identifying challenges, overcoming and expectations in their educational and maternal trajectory, through of the analysis of autobiographical narratives. Why did women mothers enroll in the EJA modality? How does motherhood relate to student life? What are the biggest difficulties to be able to study? How have you managed to overcome them? What do you aim for when you finish high school? These are the questions answered throughout the research. To support the theoretical discussion, the main authors are: Freire (1979), Ribeiro (2007), Biroli (2018), Scherer, Santos (2021), among others. Voices (like mine) of female student mothers are presented here who tell our life stories, with interruptions in our school trajectories, as well as overcoming the challenges imposed by gender, social, ethnic inequalities and, mainly, by being mothers in a country that carries strong traces of patriarchy, racism and colonialism. The results obtained confirm that women are compelled to take on the exclusivity of caring for sons and daughters, housework and, sometimes, paid or unpaid work; such conditions lead to an overload of activities and, consequently, dropping out of school may be the only option for some. Others go back to school, sometimes years later, dream and go to university. We conclude, therefore, that the discussion can contribute to the identification with other voices, in the discursive intertwining of other stories of (re)cognition of so many women who are mothers and also students.

Key words: Women; Mothers; EJA; Life stories; Difficulties; Overcoming; Dreams.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
3. EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL: QUE LUGAR É ESSE?.....	21
3.1 Quando a educação, maternidade, trabalho doméstico e produtivo se cruzam.....	26
4. MINHA, DELAS, DELE: NOSSAS HISTÓRIAS DE VIDA.....	31
4.1 Reflexões de uma mãe em crise.....	34
5. MULHERES E MÃES NA EJA, NOSSAS HISTÓRIAS: ENTRECRUZAMENTOS	40
5.1 A história de Fátima.....	41
5.2 A história de Maria da Paz.....	46
CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	60

*Chega de abafar os gritos
Chega de abusar dos ritos
Chega de fingir que acha bom,
Quando está mal*

*Chega de calar
Na hora exata de dizer
Uma palavra que podia ser
A chave de acordar*

*Música: Abertura
(ANA COSTA; ZÉLIA DUNCAN, 2019)
CANTAM: ZÉLIA DUNCAN, ANA COSTA E BIA PAES LEME*

INTRODUÇÃO

Para o Trabalho de Conclusão de Curso delimito como tema as dificuldades, superações e sonhos de mães estudantes de uma escola Estadual de João Pessoa-PB. Caracterizando-se como uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, discuto, a partir de narrativas (auto)biográficas, fatores relacionados à maternidade na vida de mulheres mães estudantes que, como eu¹, continuaram e/ou continuam sua escolarização em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). São abordados os desafios de conciliação entre ser mãe e ser estudante, bem como as superações dessas dificuldades vividas. As narrativas são analisadas à luz de fatores contextuais, relacionados às desigualdades de gênero, culturais e sociais, como o racismo, machismo e sexismo, que incrustados em nossa sociedade, nos afetam fortemente.

Em relação à educação e conscientização de mulheres e meninas, não podemos ignorar o viés de gênero, raça e classe social, presente na maioria das relações sociais, posto que ainda vivemos sob fortes desigualdades que se refletem em todas as outras áreas da vida comum e, também, na escola. Quando falo a palavra conscientização, me atenho ao conceito defendido por Paulo Freire (1979), ou seja, como “o processo de tomar posse da realidade, se afastando das práticas de dominação da humanidade e se aproximando da educação libertadora” defendida pelo mesmo.

Nos lugares mais humildes de nossa sociedade estão as meninas pobres, as quais foram negadas condições dignas de vida e educação de qualidade e, logo quando estas se

¹Por se tratar de uma pesquisa autobiográfica em que a autora é também sujeito da pesquisa, o texto é escrito em primeira pessoa.

percebem jovens mulheres, seja na vivência da adolescência ou pela necessidade de independência, sonham em ter uma vida melhor do que os seus pais e parentes puderam lhe oferecer. Estudar é um caminho possível, mas, por vezes, elas são inseridas precocemente em trabalhos de cuidado, geralmente, com baixos salários ou sequer remunerados. Algumas começam a vivenciar a sexualidade precocemente e, com poucas informações e, muitas vezes, são aliciadas, geralmente por homens mais velhos que elas, que vêm na jovem adolescente a chance de manipulá-la para o próprio benefício, com frequência, explorando-a sexualmente, dentro ou fora de uma relação matrimonial e/ou através do trabalho reprodutivo, seja ele compartilhado ou não.

Com pouca ou nenhuma instrução, essas jovens tornam-se responsáveis por mais vida(s) além da própria, sem antes conseguir ao menos sua escolaridade mínima. Quantas histórias que experienciamos ou nos foram contadas de interrupções e abandonos da escola por questões de gênero: o pai que não permite que a filha estude na cidade, ou mesmo que a filha estude; o marido que cobra da esposa que esta se dedique integralmente à casa e às crianças; a mãe que já teve de abandonar os estudos e, precisando suprir a ausência dos pais das crianças - sem rede de apoio - precisa que sua filha a ajude, retirando-a também dos espaços escolares e da convivência com seus pares, inserindo-a no mundo do trabalho e de preocupações com a sobrevivência, com os irmãos e irmãs menores, se houverem. São inúmeras as situações que levam meninas e mulheres a abandonarem os estudos. “Entre os principais motivos para a evasão escolar, os mais apontados foram a necessidade de trabalhar (39,1%) e a falta de interesse (29,2%). Entre as mulheres, destaca-se ainda gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%).” (IBGE, 2021).

A maternidade, por sua vez, tem uma infinidade de formas para ser exercida e isto depende da cultura que a mãe está inserida, das condições sociais e financeiras que esta têm ou não, do apoio da família, parentes, amigos, ou rede de apoio que pode ser parental ou institucional como creches e escolas públicas. Dentro deste cenário podem constituir-se inúmeras formas de matinar. Uma “mãe solo”², por exemplo, têm dificuldades e demandas que uma mãe inserida num contexto coletivo não têm, e vice-versa.

Para a maioria das mulheres de classe social baixa sem estabilidade financeira, estudar depois de se tornar mãe é um desafio, ainda mais quando esta trabalha e/ou não têm rede de apoio com quem deixar sua(s) criança(s). Passado algum tempo, algumas, conseguem driblar as adversidades e o ponteiro do relógio que agora parece correr mais rápido e vão à

²Termo coloquialmente utilizado para mulheres que assumem sozinhas a responsabilidade para com os/as filhos/as.

procura de escolas públicas especializadas em Educação de Jovens e Adultos (EJA) para continuar seus processos de escolarização. De outro modo, muitas outras mulheres não conseguem voltar à escola. “A taxa de analfabetismo está em 6,6%, o que corresponde a 11 milhões de pessoas, sendo que mais da metade (56,2% ou 6,2 milhões) vive na região Nordeste. Para pretos e pardos, a taxa é 5,3 pontos percentuais maior do que para brancos (8,9% e 3,6%). (IBGE, 2021). Muitas mulheres mães acabam passando o resto de suas vidas longe dos espaços educacionais, restritas ao lar, aos afazeres domésticos que, na maioria das vezes, as sobrecarregam e adoecem. Eu escrevo esse trabalho por elas também. Todo o meu respeito, afeto e admiração para com as mulheres que alimentam e cuidam.

Pensando no acúmulo de violências e privações que essas mulheres mães, por vezes pobres e de origens étnicas historicamente marginalizadas, como mulheres negras e indígenas, bem como mulheres do campo, das comunidades periféricas passam para conseguir estudar e oportunizar melhores condições a si próprias e às filhas e filhos, resolvi delimitar o tema de pesquisa neste trabalho nesta área, ouvindo mulheres mães da EJA que acreditam que a educação pode lhes ajudar a melhorar as suas condições de vida, bem como daqueles e daquelas que delas dependem.

Objetivo, assim, analisar percursos de mulheres mães da EJA, que estão cursando ou concluíram o ensino médio em uma escola estadual de João Pessoa-PB, com vistas a identificar desafios, superações e expectativas em sua trajetória educacional e materna, através da análise de narrativas autobiográficas. Por qual motivo as mulheres mães se matricularam na modalidade EJA? Como a maternidade se relaciona com a vida estudantil? Quais as maiores dificuldades para conseguirem estudar? Como têm conseguido superá-las? O que almejam ao concluir o ensino médio? São as questões que pretendo responder ao longo da pesquisa.

Contam como objetivos específicos os seguintes:

- a) Contextualizar o lugar das mulheres na educação no Brasil;
- b) Mapear os motivos que levam às mulheres mães a se matricularem e frequentarem uma turma de EJA;
- c) Descrever como a maternidade se relaciona com a rotina estudantil das mulheres na EJA;
- d) Narrar os desejos e expectativas das participantes da pesquisa, alimentados com a continuidade dos estudos, seja na EJA ou para além.

Este estudo demonstra-se necessário e de relevante importância para a comunidade acadêmica e em geral, pois pretende dar voz à mulheres mães que, como eu, estão trilhando

(ou já trilharam) o caminho da educação pública na modalidade EJA, bem como deixar registradas nossas histórias de superação, mesmo com todas as pausas, interrupções nos estudos e acúmulos de dificuldades e privações em nossas trajetórias enquanto sujeitos sociais.

Este trabalho está estruturado e sequenciado em seis partes: o capítulo introdutório, o capítulo dois, que compreende a metodologia utilizada na pesquisa; o capítulo três que trata da educação feminina no Brasil após a invasão europeia, do período colonial, passando pelos primeiros passos das mulheres na educação e pelas contribuições freireanas para a Educação de Jovens e Adultos, da qual Paulo Freire foi considerado como pilar principal, preso e perseguido pelos regimes ditatoriais vigentes, a partir de 1964. Elza Freire, professora, diretora escolar, esposa e companheira de trabalho de Paulo Freire foi uma das personagens mais importantes deste contexto, porém foi ocultada pela história que invisibiliza as contribuições e importância das mulheres. A pedagogia freireana foi perseguida pelo golpe militar que desmantelou projetos de educação e emancipação da população socialmente vulnerável, trabalhadora brasileira.

No capítulo quatro, conto um pouco da minha história através da autonarrativa, como menina sem pais, criada pelos avós e que trilha a vida pelos caminhos da educação, mas não sem dificuldades que causaram interrupções e trancamentos em minha trajetória educacional; O capítulo cinco traz as entrevistas com as autonarrativas de mulheres mães que estudam ou estudaram na modalidade EJA em uma escola estadual de João Pessoa-PB, juntamente com as discussões amparadas pelas autoras e teóricas da área. O último capítulo encerra o trabalho, mas não fecha a discussão; são considerações provisórias, visto que o tema é amplo e não se esgota em apenas um trabalho de conclusão de curso.

2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa compreende os métodos e meios empregados para chegar aos resultados e determinado fim em uma pesquisa científica. Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa, considera-se que existe uma relação entre o mundo e os sujeitos, para além do que os fatores numéricos podem considerar. Neste modelo de pesquisa, o/a pesquisador/a tende a analisar os dados dedutivamente e descritivamente, considerando que há subjetividades e nuances que não são quantificáveis. Caracterizando-se também como uma pesquisa de campo a partir das investigações realizadas por meio da coleta de dados junto às pessoas, somando-se a isto a pesquisa bibliográfica e a pesquisa participante.

Como instrumento de coleta de dados foi escolhida a entrevista semi estruturada, enriquecida por narrativas. De acordo com Sandra Jovchelovitch & Martin W. Bauer: "Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social". (2008, p. 91) possibilitando problematizar o contar como ato narrativo e não é somente contar o que foi vivido, mas ao narrar se vive novamente e o desdobramento pode ser o empoderamento. De outra forma, a entrevista semi estruturada e a narrativa podem ser usadas juntas, formando outro tipo de método, a entrevista semi estruturada enriquecida por narrativas:

Além disso, uma entrevista pode percorrer várias sequências de narração e subsequente questionamento. A interação entre a narração e o questionamento pode ocasionalmente diluir as fronteiras entre a EN e a entrevista semi-estruturada. Como afirma Habermas (1991), mais que uma nova forma de entrevista, nós temos uma entrevista semi-estruturada enriquecida por narrativas. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008, p. 103)

Essas ferramentas possibilitam promover a interação verbal entre pesquisadora e pesquisadas implicando assim na polifonia (BAKHTIN, 1981), ou seja, na comunicação entre um "eu" e um "outro" cujas vozes e memórias se entrecruzam. Narrar nossas histórias traz, não só a dimensão da temporalidade, do vivido, da existência, de uma experiência, de uma aprendizagem etc, mas uma dimensão do protagonismo, quando nós mulheres nos REconhecemos enquanto sujeitos construtoras de nossas próprias histórias. "O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela. (PASSEGGI, NASCIMENTO e OLIVEIRA, 2016 p. 114). Ao contarmos nossas histórias,

contamos de outras mulheres, falamos também do coletivo, como também o faço ao relatar-me, ao falar de mim:

[...] a biografia, ou autobiografia, constitui um instrumento sociológico capaz de garantir essa mediação do ato à estrutura, ou seja, de uma história individual a uma história social. Esses argumentos sustentam-se no entendimento de que a (auto)biografia implica a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, cuja ação incide diretamente no social. (SILVA & MENDES, 2009, p. 5 apud OLIVEIRA e SATRIANO, 2018. p. 377).

Ao me colocar como autora e participante da pesquisa, no capítulo 4, discorro sobre minha história e como a fator maternidade se relaciona com minhas interrupções nos estudos e no meu contato com a EJA, também me afirmo como sujeito de direitos resistindo a pressão do poder hegemônico através da minha autobiografia: “a autobiografia pode contribuir para a formação profissional contínua e consciente, a investigação temática, a emergência e provocação temática e ao movimento de contracultura, ou seja, de resistência à submissão e opressão do poder hegemônico” (OLIVEIRA e SATRIANO, 2018. p. 382)

Organizei uma ficha com o objetivo de coletar informações das participantes, juntamente com o roteiro da pesquisa, que se encontram disponíveis nos apêndices, ao final deste trabalho. Após coletar dados identificatórios das participantes, foram feitas perguntas em que elas foram orientadas a responder de forma narrativa sobre aspectos os quais considerassem relevantes de suas histórias de vida e de escolarização.

As perguntas foram as seguintes:

- Por quais motivos parou de estudar na escola regular?;
- Por quais motivos se matriculou na EJA?;
- Quais desafios enfrentou e/ou enfrenta para conseguir estudar?;
- Como a maternidade se relaciona com sua vida estudantil?;
- O que pretende fazer após a conclusão do ensino médio?;
- O que você considera como superação em sua trajetória?

As respostas foram gravadas através da plataforma de mensagens WhatsApp, onde as participantes responderam oralmente em formato de áudio, mesmo que de forma presencial. Essa escolha se deu em razão de possibilitar ao máximo o conforto e familiaridade das estudantes (sujeitos desta pesquisa) com os meios de gravação da entrevista, possibilitando a elas autonomia ao gravar as respostas em seu próprio aparelho celular, como também o tempo de elaborar/rememorar as respostas antes de apertar o play para gravar o áudio, detalhes que colocam a participante no centro do processo de contar a própria história de modo a protagonizar o seu próprio discurso.

As colaboradoras desta pesquisa foram contactadas através da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Roma, situada no bairro Altiplano, em João Pessoa - PB. A escolha desta escola, em particular, se deu em função da mesma ser a única escola do bairro que oferta os ciclos 5º, 6º e 7º da EJA que juntos correspondem ao ensino médio. E precisaria ser uma escola do bairro!? Sim, pois eu, como estudante, aprendi a valorizar o entorno, a comunidade, o lugar onde vivo, a fim de devolver e contribuir com a comunidade que me abriga, compartilhando algo do meu aprendizado. Foi concedido acesso à sala de aulas dos ciclos 5 e 6 da modalidade EJA, onde apresentei a minha proposta de pesquisa e colhi alguns números de telefones. De três alunas que me forneceram seus contatos com a intenção de participar da pesquisa, apenas uma realizou a entrevista, uma delas desistiu e a última não teve condições pois se encontrava acompanhando a filha no hospital, a mesma estava internada com problemas de saúde.

A segunda participante da entrevista eu já conhecia, faz parte da minha família, é esposa de um tio e se tornou também minha tia. Era de meu conhecimento que esta havia terminado recentemente o ensino médio na mesma instituição de ensino, e por este fato ela se tornou apta a participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas na minha casa, à escolha das participantes, foi oferecido como opção, a casa delas, uma praça ou área livre da escola, ou a minha casa. Ambas preferiram vir até minha residência.

As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir das vozes de autoras que discorrem sobre a educação feminina de mulheres, cruzando fatores como maternidade, trabalho doméstico, produtivo e reprodutivo, seja na EJA ou para além deste ambiente institucional.

O quadro abaixo foi produzido para ajudar a traçar o perfil destas mulheres mães, participantes da pesquisa. Importante ressaltar que as entrevistas narrativas com as duas participantes realizaram-se mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o modelo encontra-se nos apêndices, ao final do trabalho.

Antes de adentrarmos às narrativas, vamos tentar compreender no próximo capítulo, o contexto educacional brasileiro e como este se estruturou para as mulheres em nosso país, a partir da invasão europeia e a conseqüente colonização, apagamento cultural e escravização que se deram em nosso território.

QUADRO 1- SUJEITOS DA PESQUISA

SUJEITOS DA PESQUISA	PARTICIPANTE MULHER MÃE 01	PARTICIPANTE MULHER MÃE 02	PARTICIPANTE MULHER MÃE AUTORA
Nome	Fátima (fictício)	Maria da Paz (fictício)	Lissandra
Idade	36	43	30
Naturalidade	Alagoa Nova - PB	Serra da Raiz - PB	Nasci em Campina Grande - PB Cresci em Pedra Lavrada - PB
Cor/etnia	Negra	Parda	Indígena (em resgate)
Profissão / ocupação	Trabalhadora doméstica	Babá	Estudante pedagogia/ Autônoma/ Mãe em tempo integral
Composição familiar atual	Filho 20 anos, filha 14 anos, esposo 44 anos (pai das crianças) e sogra	Filho 23 anos, filho 15 anos, esposo 48 anos (pai das crianças)	Filha 15 anos, filha 8 anos, parceiro 44 anos
Formação e/ou profissão da Mãe	Agricultora/ Mãe	Doméstica do lar/ Mãe	Mãe biológica: Autônoma, Micro-empREENDEDORA/ Mãe. Mãe adotiva: Doméstica do lar/ Agricultora/ Mãe
Formação e/ou profissão do Pai	Agricultor	Agricultor	Pai biológico: desconhecido Avô e pai adotivo: Agricultor
Início da vida escolar	6 anos	7 anos	4 anos
Tipo de escola	Pública	Pública	Pública, (grupo escolar na zona rural)
Idade em que se tornou mãe	16 anos	20 anos	15 anos
Número de filhos/as	2	2	3 (uma adotiva, maior de idade)
Idade dos filhos/as	13 e 20 anos	23 e 15 anos	15, 08 e 24 anos
Pausa(s)/Interrupções nos estudos	5º série	5º série, com 13 anos	7º série (grávida, 13 anos, aborto) e 8º série (nascimento da filha), 9º ano (primeiro contato com a EJA), EJA no 2º e 3º anos do ensino médio (mãe solo na cidade, conciliando trabalho produtivo)
Motivos	Por ter que cuidar dos filhos, esposo, sogra e avós	Por precisar trabalhar com o pai para ajudar no sustento da família, com 9 irmãos	Por ter que cuidar da filha, (sem divisão de trabalho com o pai da criança) e de outros membros da família

Fonte: Dados da autora(2023)

3. EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL: QUE LUGAR É ESSE?

No Brasil, assim como em outros países colonizados, a educação e ensino - no seu modo mais rudimentar de compreensão - tardou a chegar, e ainda nos tempos atuais, inúmeros sujeitos estão à margem do acesso à educação da forma como melhor conhecemos: a educação escolar.

Na população de 25 anos ou mais, 6,4% eram sem instrução, 32,2% tinham o ensino fundamental incompleto, 8,0% tinham o ensino fundamental completo e 4,5%, o ensino médio incompleto. Ainda que esses quatro grupos tenham apresentado pequenas quedas entre 2018 e 2019, mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio no Brasil. (IBGE, 2021).

Para compreender como se deu a estruturação do sistema escolar no Brasil, e como ela se encontra nos dias de hoje, é preciso, antes, recorrer a algumas considerações através da nossa história. A primeira consideração é sobre as desigualdades que vivemos no Brasil, bem como em outros países latinos, do início de sua colonização até os dias atuais, mesmo com toda a luta que se estabeleceu, as condições de vida são seriamente entrecortadas pelas marcações de gênero, classe social e cor da pele, herança do machismo, racismo, patriarcado, colonialismo e capitalismo em nossa sociedade.

Devo levar em consideração também, a forma como as mulheres indígenas, brancas e negras começam a conviver neste vasto território, a partir da colonização europeia que levou ao genocídio e apagamento cultural indígena e a escravização do povo negro africano. Com seus lugares sociais delimitados pelas suas origens, costumes, tradições e classe social, assim, a convivência das mulheres:

Inicia-se na convivência e convergência de senhoras reclusas com meninas órfãs pálidas portuguesas e indígenas libertas, bronzeadas pelo sol tropical. Ainda no mesmo período, quase no seu início, acrescenta-se a esse entrelaçamento, uma terceira mulher: a negra e sua condição de escrava dos donos do poder vigente. (RIBEIRO, 2007, p. 1-2)

O imperialismo, racismo, machismo e patriarcado dominavam as relações que se davam na colônia, ao passo que as mulheres existiam para servir aos interesses dos homens brancos. “Ao homem português era dado o direito de usufruir da vida de todos os habitantes da colônia. Esse direito ocorria devido à sua condição de “senhor” da família patriarcal” (RIBEIRO, 2007).

Em linhas gerais podemos afirmar que durante esses primeiros trezentos longos anos de formação da vida em sociedade no Brasil as mulheres, assim como outros segmentos sociais, estiveram a serviço da manutenção dos interesses de padres e portugueses, calcados na afirmativa de que os “donos do poder” sempre mandaram. (RIBEIRO, 2007, p. 2)

As mulheres de pele branca também não estavam livres do jugo do homem branco; a estas, estava reservada a incumbência de serem mães de muitas crianças, com o intuito de embranquecer a população do país, em detrimento dos povos originários que aqui viviam e do povo africano que foi trazido para cá, escravizado. Desta forma:

Durante o período colonial a mulher não tinha acesso à escola. A ela (mulher branca) cabia aprender as tarefas específicas à sua condição de gênero, como bordar, costurar, ser boa mãe e esposa, realidade que prevaleceu até o século XIX. (VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 47)

Ainda no período colonial, houve catequização e letramento promovidos pelos jesuítas, “preocupados em instalar uma moral cristã, os jesuítas não mediram esforços para dismantelar instituições como o xamanismo e os sistemas de parentesco”, afirma Bergamaschi (2005). Para as mulheres indígenas, o olhar masculino português era particularmente de desejo de exploração sexual, utilizando-se da noção do sistema de parentesco muito presente entre os povos originários:

As indígenas foram “utilizadas” pelos portugueses tanto para a sua satisfação sexual como para a expansão do “cunhadismo”. Ou seja, quando o português engravidava uma indígena, ele tornava-se parente dos outros indígenas da tribo. Com isso, tinha sempre muitos braços para carregar o pau-brasil para suas naus, aumentando rapidamente seu enriquecimento. (RIBEIRO, 1995 apud RIBEIRO, 2007, p. 4)

Aqui se deu o início do acultramento que promoveu em nossas tribos nativas, pelo cristianismo imposto e pela implantação da língua portuguesa como língua nacional em detrimento dos vários idiomas nativos que aqui havia se estabelecido antes da colonização do território, bem como a transmissão de doenças para as quais o povo originário não tinha imunidade, o que levou à dizimação e apagamento de inúmeras tribos nativas, assim como a escravização do povo negro do continente africano, que também teve suas culturas apagadas e marginalizadas.

A função das outras mulheres, portanto, negras, indígenas e brancas empobrecidas, não poderia ser outra, do que instrumentos sexuais dos colonizadores. No que se refere à (mulher) negra escrava, sua função era a de reprodução do domínio patriarcal. (RIBEIRO, 2007, p. 17)

Em meio a todas estas desigualdades, surge o sistema escolar, com as escolas de primeiras letras, fundadas por congregações e ordens religiosas, as quais tiveram seu início “no ano de 1827, (...) em todas as cidades, vilas e lugarejos que eram mais povoados do Império” (VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 47). Eram escolas separadas para meninos e meninas, sendo esta última em menor número e específica para meninas de famílias socialmente privilegiadas, onde aprendiam “apenas a ler, escrever e contar, além de ter, no seu currículo, disciplinas obrigatórias como o bordado, a costura e bons modos” (FERREIRA (2005) apud

VIEIRA E CRUZ, 2017, p. 47). Note-se que quando falamos dos passos iniciais da educação das mulheres no Brasil, estamos falando da educação das mulheres brancas e que ocupavam lugares sociais privilegiados.

Durante o século XIX surgiram as Escolas Normais, com o objetivo de formar professores e professoras essas escolas funcionavam com salas separadas para ambos os sexos. A partir daí houve a possibilidade da mulher - branca e privilegiada - continuar os estudos para além da escola de primeiras letras, bem como um aumento do número de mulheres a se formarem, enquanto o número de homens diminuía, fenômeno que deu origem a feminização do magistério.

Como o destino das mulheres era a maternidade, passaram a assimilar o magistério como uma extensão ou continuidade da maternidade, sendo os/as estudantes vistos/as como filhos/as espirituais. Esse era um trabalho aceito somente para as moças solteiras até o momento do casamento, além de ser considerado um trabalho ideal para a mulher (LOURO, 2006), pois consistia em um turno apenas, sendo que no outro período ela poderia atender suas obrigações domésticas.” (VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 48)

Desta forma, o magistério primário foi se tornando cada vez mais uma função feminina, e esse era o ponto mais alto que era possível uma mulher avançar nos estudos. Isso não mudou o fato de as mulheres, pobres, pretas, indígenas e do campo, continuarem em posições de marginalidade quanto à educação escolar, pois nota-se que esta realidade era restrita às mulheres brancas, com posições sociais privilegiadas e origens europeias. As demais continuavam sendo exploradas, sem direito à escola. Percebo também a dualidade em que a mulher, mãe, casada, que tinha acesso à escola era obrigada a viver pois tinha de se dedicar aos estudos, ao casamento e à maternidade. Caso tivesse uma carreira profissional, esta seria o magistério dos anos iniciais, pois era a única função que as mulheres podiam se profissionalizar nesta época e, em segundo lugar, percebemos a cilada que caímos apenas para que a manutenção dos cuidados infantis e primeiros ensinamentos direcionados às crianças ficassem estritamente à cargo das mulheres professoras.

Como nosso público alvo da pesquisa são mulheres mães estudantes da EJA, vamos nos ater agora a entender como vem sendo estruturada a EJA ao longo da história brasileira.

Para as autoras Scherer e Santos, (2021) a concepção da modalidade EJA nasce ainda no Brasil colonial, onde os Jesuítas “passaram a alfabetizar – e catequizar – tanto crianças indígenas como índios adultos com a intenção de propagar a fé católica juntamente com o trabalho educativo” até a chegada da família real e, conseqüentemente, a expulsão dos Jesuítas; a partir de então a educação fica a mercê do império, e deixa de ser prioridade,

voltando a ser debatida somente a partir do século XIX e XX. (SCHERER, SANTOS, 2021, p. 52)

Ainda no século XIX, “A Constituição de 1891 descentralizou o ensino público e manteve a responsabilidade das províncias e municípios para com a educação primária, profissional e de adultos” (SCHERER, SANTOS, 2021, p. 54) Para estas autoras, outros pontos marcaram a educação de jovens e adultos:

- Revolução de 1930 – o país torna-se uma república federativa não mais formada por Estados independentes. O governo federal garante manter a educação em todos os níveis e modalidades, no entanto, pouco é feito pela educação neste período;
 - A partir de 1940 – criação de um fundo destinado à alfabetização da população adulta, tendo em vista o alto índice de analfabetos. Criação do Plano Nacional de Educação para a realização de ações concretas para possibilitar a escolarização dos excluídos (COSTA,2002);
 - 1946 – Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN);
 - 1947 – 1ª Campanha de Educação de Adultos, momento em que inicia-se uma discussão sobre o analfabetismo no país a partir da premissa de que ele é efeito do subdesenvolvimento do Brasil e não mais como a causa deste (CUNHA,1999); (...)
 - 1967 – MOBREAL – Com o golpe militar de 1964 os programas educacionais foram interrompidos e surge o Movimento Brasileiro de Educação (MOBRAL), que tinha objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada. Com esse programa a alfabetização ficou restrita à apreensão da habilidade de ler e escrever, sem haver a compreensão contextualizada (STRELHOW,2010);
 - 1985 –1990. O MOBREAL teve seu fim em 1985 e em 1990, com o governo Collor, inicia-se uma fase de ausência do governo federal nos projetos de alfabetização, passando aos municípios a função de educar jovens e adultos (STRELHOW,ibid.);
 - Década de 90. Destaque para o Movimento de Alfabetização (Mova), que procurava trabalhar a alfabetização a partir do contexto socioeconômico das pessoas alfabetizandas, tornando-as coparticipantes de seu processo de aprendizagem. Em 1996, surge novamente um programa nacional de alfabetização promovido pelo governo federal, o Programa Alfabetização Solidária (PAS) – (STRELHOW,ibid.).
- Também é na década de 90 que a UNESCO promulga a “Declaração Mundial Sobre Educação para Todos”, que impulsionou a luta pela satisfação da necessidade básica de aprendizagem para todos. A Lei de Diretrizes e Bases, de 1996 -LDBEN-9334/96 (PORTAL MEC, 1996), trouxe importantes avanços à educação voltada a jovens e adultos (SCHERER, SANTOS, 2021 p. 54-55)

Em meados de 1950 surgia o educador Paulo Freire, preocupado com as demandas provenientes das camadas populares, lançou-se ao povo para construir uma educação com o povo, e não para o povo. Uma educação que atendesse aos anseios populares, e não que os tratasse como massa de manobra. Paulo Freire participou do Seminário Regional de Pernambuco em preparação ao II Congresso Nacional de Educação de Adultos em 1958, onde defendeu a substituição da aula expositiva pela discussão, a utilização de técnicas de educação em grupo, demonstrou preocupação com o lugar social, político, educacional, de autoridade a

ser assumido por educadores e educandos e com as metodologias aplicadas. Em 1959 defendeu a tese "Educação e atualidade brasileira" e discutiu seu conceito de trânsito, onde o cidadão passaria da "consciência mágica/intransitiva para a consciência transitiva/crítica" e o povo viveria o "trânsito" de uma sociedade fechada para uma sociedade que se abriria. (GÓES, 1985, p. 11)

A partir deste contexto, ganharam força os movimentos sociais populares em torno da educação para adultos, desta vez, uma demanda proveniente do povo. Caracterizar a EJA, sem passar pelos Movimentos de Cultura Popular (MCP) em torno da educação de adultos, que aconteceram em meados do século XX seria contar sua história incompleta:

A referência às experiências dos movimentos de cultura e de educação popular dos anos 1950 e 1960 é constante nas propostas educativas desta modalidade desde os projetos de educação de trabalhadores dos anos 1990, desenvolvidas em espaços escolares, assim como a experiência de gestão vivida por Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. (GODINHO; BRANDÃO; NORONHA, 2017, p. 22)

Os referidos movimentos, trabalharam em busca de melhorias sociais e educacionais para as camadas populares, partindo de suas realidades precárias e abandonadas pelo poder público, suscitando no mesmo, uma urgência de assumir e ou dismantelar tais projetos, por interesses meramente políticos.

A partir da redemocratização e promulgação da constituição de 1988, que garante a educação como um direito básico para todos e todas, um marco importante para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil foi a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu e detalhou as responsabilidades e ações que seriam assumidas pelos governos nas esferas municipais, estaduais e federais, bem como, caracterizou uma modalidade específica para trabalhadores, pensada em conjunto com as condições e contradições do mundo do trabalho, e também garantindo o direito à educação para os jovens e adultos não escolarizados que seguiam sendo responsáveis pela produção da riqueza no país.

Desse contexto de final de 1996 até início de 2016, o que podemos afirmar é que a EJA ocupou um espaço na agenda da política educacional brasileira, na tentativa de se configurar como política pública, como nunca visto em toda a sua trajetória histórica. Estamos longe da solução dos principais problemas de garantia do direito a educação para todas e todos os jovens trabalhadores do país e não se pode dizer que a Lei, efetivamente, alcançou seus objetivos, em termos da escolarização desta população. (MACHADO, 2017, p. 442)

Entre os sujeitos da educação que compõem os grupos populares com interrupções e quebras no acesso ao direito educacional, estão as mulheres, com demandas próprias, como a maternidade, a hierarquia social e de gênero, do trabalho produtivo à invisibilidade do trabalho doméstico e reprodutivo.

3.1 Quando a educação, maternidade, trabalho doméstico e produtivo se cruzam

A partir do golpe de estado de 1964, a educação de adultos sofreu grandes transformações, pois o novo regime combateu de forma violenta e severa os movimentos em prol de uma reforma agrária que contemplasse as demandas das camadas populares. Assim, só a partir do século XX é que parcela de nossas ancestrais e precursoras mulheres estudantes, mesmo com todas as dificuldades, saíram de casa e foram aos ambientes educacionais. Antes tarde que mais tarde ainda.

Somente no século XX é que as mulheres conseguem sair do ambiente doméstico, e começam frequentar escolas e universidades, ganham o direito de votar e serem votadas, ganham o direito de trabalhar de forma remunerada e em grande escala, entre outras conquistas. (SCHERER, SANTOS, 2021 p. 57)

Paulo Freire, focado no viés de classe, em seus primeiros escritos não denota muita preocupação em reformular a educação para que esta atenda às demandas das mulheres. Muito preocupado com a questão do analfabetismo político do povo, da classe trabalhadora e analfabeta do país, ainda se referia à humanidade usando o termo “homem”, invisibilizando as subjetividades das mulheres e suas peculiaridades de gênero. Porém, mesmo sem considerar explicitamente a categoria gênero, em seu livro *Conscientização*, Paulo Freire (1979) escreve sobre ele mesmo, sua história até ali, e em sua autonarrativa ele agradece a sua esposa Elza Maia Costa Oliveira pela inspiração para trilhar os caminhos da educação, já que sua formação inicial era de advogado:

Atendendo à irresistível vocação de pai de família, casei-me aos 23 anos, em 1944, com Elza Maia Costa Oliveira, hoje, Elza Freire, pernambucana do Recife, católica também. Com ela prossegui o diálogo que aprendera com meus pais. De nós vieram ao mundo cinco filhos, três moças e dois meninos, com quem ampliamos a nossa área dialogal. **A Elza, professora primária e, depois, diretora de escola, devo muito. Sua coragem, sua compreensão, sua capacidade de amar, seu interesse por tudo que faço, sua ajuda nunca negada, e sequer solicitada (pressente a necessidade da ajuda), me têm sempre sustentado nas mais problemáticas situações. Foi a partir do casamento que comecei a me preocupar sistematicamente com problemas educacionais.** Estudava mais Educação, Filosofia e Sociologia da Educação que Direito, curso de que fui um aluno médio. (FREIRE, 1979, p. 9-10). **(destaque meu).**

A partir desse fragmento percebemos a enorme importância da mulher, educadora, mãe, companheira que “pressente a necessidade de ajuda”, que está ali inspirando, ajudando, cuidando dos filhos, da família, e seguindo seu propósito profissional que a possibilita ainda contribuir na profissão do companheiro. Elza Freire é pouco mencionada, mas sua contribuição no processo de levar educação às camadas mais pobres da sociedade brasileira não pode ser esquecida.

Por exemplo, a tese de autoria da educadora Nima Imaculada Spigolon (2009) traz à tona a importância de Elza³ no contexto de reformulação da educação e afirma entre inúmeras outras contribuições que, em 1964, Elza juntamente com Paulo Freire, trabalhavam para compor o Plano Nacional de Educação: “Elza e Paulo Freire já estavam casados há vinte anos. O casal residia com os filhos em Brasília atuando no Plano Nacional de Alfabetização.” Após a prisão de Paulo Freire, Elza segue apoiando-o, inclusive levando comida para a prisão onde Paulo Freire e seus companheiros se encontravam:

Ainda me lembro com que esforço a Elza trazia, às vezes ajudada pelas filhas, panelas com comidas para nós. Ela não trazia só para mim, não. A Elza tinha assumido com prazer a tarefa de trazer comida. E lá ia o soldado apanhar na portaria do quartel a panela com feijoada, para depois levar a panela vazia. Um dia eu lhe disse: “Mas, Elza isso é um trabalho enorme!” A gente não tinha dinheiro para ela pegar táxi, vinha de ônibus, de Casa Forte para Olinda. E ela me respondeu poeticamente: “Prefiro continuar fazendo isso porque assim entro um pouco na sua cela através da comida e da panela, e você vem um pouco na panela vazia (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p.48 apud SPIGOLON, 2009. p.199).

Trago este recorte sobre a alimentação fornecida por Elza Freire para exemplificar que, não foi apenas na área da educação que Elza se fez enormemente importante; para ela, como mulher, também haviam as expectativas de gênero: visitar o esposo na prisão, levar-lhe comida, continuar cuidando da família, e junto à família, ações importantíssimas, mas que, se não fossem as pesquisas recentes trazendo a sua imagem à luz do conhecimento, estariam ainda soterradas no esquecimento e percebidas pejorativamente apenas como “trabalho de mulher”, um trabalho que não é visto com a devida importância:

(...)importante é ressaltar que existe uma correspondência entre a caracterização da esfera pública como âmbito da universalidade e da razão e a caracterização da esfera privada como âmbito da particularidade e dos afetos. A distinção entre as duas esferas organiza-se em um processo histórico e político no qual as identidades de gênero foram produzidas como papéis, comportamentos e limites. (...) Mantém-se, ainda, uma matriz que configura as relações e as identidades de gênero na forma de vantagens para os homens. A posição prática de poder que elas desempenham no cotidiano é correspondente à recusa e à subvalorização do mundo doméstico, o que, por sua vez, está conectado à desvalorização do feminino - isto é, do que assim se definiu historicamente. (BIROLI, 2018, p. 95)

Nima Spigolon conclui sua vasta pesquisa sobre Elza Freire e entre outras percepções, ela afirma:

³ “Elza mulher, nordestina, classe média alta, educada em colégios católicos, normalista, funcionária concursada; pioneira da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização infantil; metóloga das palavras geradoras para a Educação de Adultos; precursora da formação de educadores e dos Círculos de Cultura; lutadora em prol das causas sociais e do trabalho libertador, engajada nas atividades políticas e culturais. Amiga, irmã, companheira, educadora, esposa, mãe, exilada voluntariamente. Elza Freire personagem histórica que por amor dedicou sua vida a contribuir para a Educação Brasileira.” (SPIGOLON, 2009. p. 205)

O processo de investigação e desenvolvimento da pesquisa indica um enfoque até então desconhecido, capaz de vislumbrar a discussão sobre o que significa para uma mulher, nordestina, classe média alta, educada em colégios católicos confessionais, com formação de ensino médio concluído no Nordeste na década de 1940, quando mais de 50% da população era analfabeta, se fazer professora e diretora de escola concursada, precursora da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização e da formação de professores através dos Círculos de Cultura, casar-se com um homem mais jovem, órfão de pai, pertencente a classe social diferente e inferior a dela e transformá-lo em um mito da educação, na sombra! (p. 210)

Exemplo de superação e humanismo Elza Freire teve uma enorme e ativa participação no processo de ampliação da Educação de Jovens e Adultos. Paulo Freire não estava sozinho e o movimento que ele, Elza Freire e seus/suas contemporâneos/as deram origem, focou seus esforços numa tentativa de alfabetizar, sob o viés crítico, político, a classe trabalhadora. Este mesmo reformulou e trouxe novos paradigmas à educação pública direcionada às camadas sociais mais pobres do Brasil, ainda que perseguido pelos regimes ditatoriais que golpearam a democracia no Brasil pós 1964.

Desta forma, a pedagogia Freireana - de Elza Freire também - reformulou a educação de adultos, e nos deixou a missão de continuar seu legado dando visibilidade às questões que envolvem ser mulher, estudante, trabalhadora, mãe, -por vezes solo,- cuidadora, dona de casa e tantos outros espaços que queiramos estar, nesta interseccionalidade⁴ de dificuldades e expectativas de gênero nas quais nós mulheres mães estudantes e/ou educadoras estamos inseridas.

Atualmente a EJA é ofertada pelas esferas estaduais e municipais, geralmente no turno da noite, e segundo as autoras Scherer e Santos, (2021), esta modalidade é compreendida como:

(...) uma modalidade específica da Educação Básica, que tem por objetivo atender a um público ao qual foi negado o direito à educação no dito tempo regular, durante a infância e/ou adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. (SCHERER, SANTOS, 2021 p. 54)

Assim, ofertada no turno da noite, como forma de melhor oportunizar a educação escolar para quem está ocupada durante o dia, seja em trabalhos remunerados ou não remunerados, domésticos ou com o público, produtivos e/ou reprodutivos:

Efetivamente, o trabalho feminino se caracteriza, em grande parte, como de cuidado e dentro dessa categoria encontra-se o trabalho doméstico. Na sua dupla natureza, como trabalho remunerado e não remunerado, o trabalho doméstico é, em grande parte, trabalho de natureza reprodutiva. Diferentemente do trabalho produtivo, considerado sincrônico, cuja natureza é definida por ter claramente demarcado um

⁴“(...) a interseccionalidade é, simultaneamente, a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, não sendo exclusiva para mulheres negras, mesmo porque as mulheres não-negras devem pensar de modo articulado suas experiências identitárias. Ademais, transexuais, travestis e queers estão incorporados à perspectiva da autora.” (Crenshaw (2018) apud AKOTIRENE, 2019, p. 67)

início e um fim, o trabalho reprodutivo é diacrônico, ininterrupto, invisível. Ele transborda fronteiras, frequentemente a mulher-mãe concilia a tarefa de cuidado da prole, monitorando a rotina da casa desde seu trabalho remunerado. (EITERER, DIAS COURA, 2014, p. 168)

Ainda sobre o aspecto do trabalho produtivo remunerado como motivação para as mulheres mães voltarem a estudar, as autoras Eiterer, Dias e Coura, (2014) destacam que:

(...) a situação econômica familiar, a necessidade de contribuir com a manutenção da família ou mesmo de arcar sozinha com as despesas, faz com que as mulheres busquem o trabalho. Entretanto, a baixa escolaridade dificulta o ingresso no mercado de trabalho, levando-as, por vezes, ao retorno à escola, em diferentes etapas da vida, neste caso, na modalidade EJA. (EITERER, DIAS, COURA, 2014, p. 171)

Se o dia inteiro está ocupada, essas mulheres só têm horário noturno para se dedicar aos estudos, sacrificando por vezes a convivência com a família: “Essa aluna, mãe, esposa, trabalhadora, busca na educação tardia ressignificar sua vida, sua relação com ela própria, com a família e com os outros.” (SCHERER, SANTOS, 2021 p. 60). Ainda assim, essa mulher mãe estudante busca no conhecimento sua ressignificação, melhorias de vida, melhores condições de trabalho e aperfeiçoamento de seus valores e saberes.

Com relação às mulheres mães mais pobres da população que se dedicam exclusivamente aos cuidados com a família, Flávia Biroli afirma que esta não é uma escolha, mas abriga aspectos do desemprego e da precariedade:

As escolhas das mulheres podem ser analisadas como respostas às dificuldades de conciliar o exercício do trabalho remunerado e o cuidado com as crianças, em contextos nos quais as famílias se transformaram, as relações de trabalho não atendem a uma lógica que incorpore a dependência de outras pessoas em relação às trabalhadoras, os equipamentos públicos são insuficientes e os recursos para a compra de serviços no mercado são escassos. (BIROLI, 2018. p. 107)

Percebo-me, junto a outras mulheres mães pobres que exercem a maternidade em tempo integral, inserida neste contexto de cerceamento das possibilidades de conciliar trabalho doméstico, trabalho remunerado, estudos e criação dos/as filhos/as sem a participação efetiva dos pais delas. Os homens pais, geralmente socializados para não cuidar nem demonstrar seus sentimentos, acabam por ignorar seus filhos e filhas em suas necessidades, tanto físicas quanto afetivas, deixando assim, para as mulheres mães, além de todo o trabalho de cuidado, também, a necessidade e urgência de tentar atenuar a lacuna provocada pelo abandono paterno na vida de suas crianças.

Tropeço em peças pensadas, montadas pelo próprio eu
 Mapeando caminhos, onde que eu era se perdeu
 Em meio a incerteza, coloquei minha carne a mesa
 E pergunto a mim mesma, como você se atreveu?
 A rasgar véu e abrir cicatrizes, em busca das minhas matrizes
 Sem saber como dói, e doe
 Em meio ao asfalto, resgatar nossas raízes
 E gritar que os meus resistem
 Almas livres que um dia alguém prendeu
 Me defendendo e sendo minha acusadora
 Na minha cabeça ecoa: "você não passa de uma farsa"
 Enquanto tento ser minha intercessora
 Eu sou minha própria agressora, querendo só voltar pra casa
 Isso não passa, e eu olho no espelho
 Vejo como me assemelho ao monstro e do monstro sou criadora
 Minha própria dádiva e da dívida, sou cobradora
 Minha própria usurpadora, sou minha caça e caçadora (...)
 Meu espírito é como um casulo
 Me transformo, deforme e as vezes eu me enclausuro
 Voltando mais forte, sem medo da luta
 E da morte, eu enfrento e não fujo
 Sou leoa e rujo
 Sabendo quem eu sou, nunca mais me anulo
 Não me deixo levar pelo seu jogo sujo, hey
 Tentaram matar a verdade
 Tentaram matar minha língua
 Quiseram minha identidade
 Eles querem nós morrendo à míngua
 Como árvores nesta cidade
 Renascemos mais fortes ainda
 Nossa força é ancestralidade
 Não existe quem mate, que a terra não finda
 Sem medo os caminhos eu faço
 Protegida e guiada nos passos
 Com coragem enfrento o que for
 Não me vence o seu cansaço
 Se eu caio eu mesma me refaço
 Céu azul, eu voou como um Condor
 Amando minha história e meus traços
 Na minha memória, me entrelaço
 Aprendo a lidar comigo com amor
 Fortaleza, peito de aço
 Não sou mais pega no laço
 Hoje eles que são caça, eu sou filha de caçador
 Caça e caçadora
 Dor e curadora
 Dores são professoras
 Correr não é escolha e o que aprendi não foi à toa

Música: Caça e caçadora

(SOUTO MC, 2019)

4. MINHA, DELAS, DELE: NOSSAS HISTÓRIAS DE VIDA

Nasci no nordeste do Brasil. Mulher. Pobre. Esses dados já antecipam a você, possível leitor/a, o que eu posso estar enfrentando, mas são poucas informações, vamos adicionar outros fatores. Devido ao abandono paterno⁵, um lado de minha origem biológica é desconhecido, inexistente. Não tenho sequer o nome do sujeito no meu registro de nascimento, e o vi apenas uma vez, aos 11 anos.

Minha mãe é de uma família pobre. Órfã de mãe, ela saiu de casa aos 14 anos para estudar e trabalhar na casa de um padrinho que, por ventura, também era o patrão de seu pai, meu avô. Como ela não era da família, estudava pouco, não completou o ensino fundamental, trabalhava muito, todas as suas necessidades eram regradas e controladas, inclusive a comida. Quando nasci, ela estava trabalhando em outro lugar, mas aparentemente no mesmo contexto de subserviência patriarcal. A patroa gostava dela e a tratava bem, mas o patrão era áspero, autoritário e exigente. Assim, quando dos meus três meses de vida e sem condições de continuar trabalhando e cuidando de mim sozinha, ela passou a morar na casa do seu pai, meu avô, e sua esposa, madrasta de minha mãe, situação que só se manteve até o meu 8º mês de vida, quando, interrompendo inclusive a amamentação, minha mãe partiu para a capital da Paraíba em busca de trabalho me deixando com seu pai e madrasta, que com o passar do tempo se tornaram pai e mãe para mim. Percebemos que depois de lidar com a exclusividade biológica reprodutiva que é gestar, parir e amamentar, as mulheres ainda precisam arcar com todo o resto no que se refere à criação dos filhos, inclusive o aspecto financeiro, quando o pai some, paga uma ínfima pensão ou simplesmente se recusa.

Cresci ao lado do meu avô, para os conhecidos era seu Chico Paulino, para mim era Painha. Eu me afinava mais com ele por saber da existência do compartilhamento sanguíneo, e também porque eles sempre me falaram a verdade sobre minha origem, e assim, mesmo à distância, minha mãe biológica continuava sendo minha “Mainha”, mas minha mãe adotiva Almiza - dona Neném de Bia - não se sentia no direito de reivindicar a maternidade para ela, em respeito à sua enteada. Por esse motivo, sempre falava que eu era “a neta de Chico”, e eu, criança, a chamava de mãe e me ressentia achando que ela também não queria ser minha mãe, assim me liguei afetivamente quando criança muito mais a meu avô/pai/ do que as minhas mães, adotiva e também a biológica.

⁵ “O abandono paterno (..) pode ser caracterizado como trauma, uma vez que é um evento de forte impacto à vida psíquica do sujeito que o vivencia, especialmente na tenra idade, quando não existem condições emocionais de lidar com tal experiência.” (BENETTI; INADA, 2018. p. 3)

Eu seguia meu avô/pai em seus afazeres pelo nosso sítio que ele passou a se dedicar em tempo integral após sua aposentadoria como agricultor, possibilitando que ele pudesse parar de trabalhar “alugado”. Nesta época eu tinha 4 anos. Em nossas andanças, aprendi muito sobre a natureza, seus ciclos e os trabalhos de agricultura, aprendi a limpar mato, arar o roçado, plantar, colher, debulhar, armazenar os grãos e selecionar os melhores para o próximo plantio, fazer farinha de mandioca, comidas de milho e chouriço que é uma iguaria regional feita com rapadura, temperos e um ingrediente pouco convencional: sangue de porco. Aprendi a fazer cerca com arame farpado, buscar água na carroça de boi no açude da região, denominado açude dos caboclos e também em outras localidades mais distantes quando a seca se fazia presente, castigando a nós e aos poucos animais que mantínhamos no pequeno sítio, região semiárida.

Painha não teve acesso à educação, mal assinava seu nome, mas era muito falante, gostava de um bom diálogo e aprendia, como nossos ancestrais originários, através da oralidade, do contar e ouvir, compartilhando histórias, contos e narrativas das mais variadas. Como ele não sabia ler, assim que eu aprendi, lia os folhetos de cordel que ele pegava emprestado com seu primo alfabetizado, assim ele enriquecia sua compreensão do mundo e acessava com a minha ajuda o mundo letrado, inclusive dos documentos. Ele contava histórias de todo tipo: sobre suas vivências, narrativas que ouvia contar ainda quando menino, mitos, lendas, relatos sobre fenômenos espirituais, aparições, contos e causos que ele fazia gosto de rir ao fim, dizendo: “Quem duvidar vá perguntar a fulano de tal!” e a pegadinha era que o tal fulano era alguém que já havia morrido, então ninguém queria saber de perguntar nada a alma penada nenhuma, mas todos caíam na gargalhada. Sorrio agora ao lembrar seu jeito extrovertido de alegrar as pessoas. E assim fui absorvendo do meu avô/pai os conhecimentos, costumes, noções de moral, de caridade, o estilo de vida que está entrelaçado com os eventos naturais, com o tempo da natureza.

Recentemente constatei que tenho ancestrais indígenas. Das histórias que meu pai contava, uma delas era sobre o seu avô, que tinha chegado com a família para se estabelecer naquele local quando “ali só tinha mato, num tinha essas casas não, foi sendo construído tudo depois.” Ele descrevia até o tipo de arranjo de madeira usado para transportar cargas pesadas com ajuda de bois. O nome usado para a estrutura era “forquilha” e não tinha rodas. Nessa forquilha foram transportadas pedras que foram utilizadas pelas mulheres para lavarem roupas no açude que fora construído nesse contexto e ficou conhecido como *açude dos caboclos*, pois, de nosso sangue indígena, restou apenas o termo de aculturação que nos destinaram: caboclos - até hoje em todas as redondezas todos se referem “aos caboclos” como ao sítio, à

família e/ou ao açude. O termo caboclos significa entre outros conceitos: “filho de pais de etnias diferentes, sendo um indígena e outro branco, e que tem a pele acobreada e os cabelos negros e lisos.” Assim era o fenótipo do meu avô, seu Chico Paulino, e de alguns de seus parentes, e eu ainda arriscaria a dizer que, em sua ascendência, havia também ancestrais afrodescendentes.

Em conversa recente com uma tia sobre estes fragmentos da nossa história, ela me contou que nossos ancestrais “fugiram da guerra”, mas não soube me dizer qual guerra, nem de que local vieram. Suspeito que meus ancestrais saíram do litoral por não quererem se envolver nas disputas que aqui se deram quando do conflito entre portugueses e holandeses que dividiu nativos no atual estado da Paraíba. Eles deixaram seus costumes, tradições e familiares para se estabelecerem no “meio do mato” começando ali uma performance branca, assumindo o termo “caboclos” adequando-se para conseguirem sobreviver, pois quem se identificava como indígena era perseguido, visto como selvagem, aculturado, integrado à sociedade à força, assim nossos ancestrais foram apagando suas origens, sua cultura, mandando filhos, netos e bisnetos para a escola, e também devido a isso, produzindo um apagamento⁶ cultural. Se as crianças indígenas conhecem a própria história pelos olhos dos brancos, logo a história original se fragmenta, vai sendo mudada, esquecida, deturpada. Conta-se a história pelos olhos do colonizador, que invisibiliza e ignora o povo indígena bem como as pessoas pretas. E nossa história foi sendo esquecida, deixada de lado, mas se procurar, há fragmentos desta para serem contados, claro, se houver paciência e tempo para conversar com pessoas que, como eu, carregam nos fragmentos de memórias⁷, na oralidade, a sua bagagem, e se duvidar de mim vá perguntar a meu avô/pai, seu Chico Paulino, remetendo a uma fala recorrente dele nas contagens de histórias.

No chão de terra batida, no terreiro, as histórias se misturam.

Na companhia do meu pai/avô, cresci, mas me faltava algo, sabia da minha história e tinha vontade de saber quem era meu pai biológico. Em uma de suas poucas visitas, minha mãe biológica me levou para conhecê-lo. Algum tempo depois desse contato quis ir morar com ele e o mesmo me recusou; após essa rejeição, nunca mais consegui contato, ele parou de atender as minhas ligações. Em sequência a esse acontecimento, no mesmo ano, conheci o homem com quem pouco tempo depois tive minha primeira filha. Eu estava procurando nele

⁶ “O apagamento da memória (memoricídio) do que foram e do que são os povos indígenas que viviam e vivem hoje no Brasil formou uma lacuna na história do país.” (ERTHAL, 2019. p. 3)

⁷ Da forma que, individualmente, a memória é afetada pelas manipulações, conscientes ou inconscientes exercidas pelo interesse, a afetividade, o desejo ou outro sentimento, a memória coletiva é afetada pelas manipulações, nesse caso muito mais conscientes que inconscientes, exercidas pelos interesses dos grupos dominantes. (SOUSA, 2011. p. 66)

uma figura paterna, mas só consegui perceber recentemente, a partir de leituras de textos da Psicanálise:

Visto que o pai exerce um importante papel no desenvolvimento de seus filhos, torna-se necessário salientar que o distanciamento dessa figura é prejudicial à saúde física e mental do sujeito. Vale ressaltar que a ausência física não é o mais penoso para os filhos, mas sim o fato desta figura tê-los abandonado, o que gera sentimentos de menos valia, insegurança e baixa autoestima, oriundos de uma sensação de rejeição por quem deveria oferecer amor e cuidado. (SGANZERLA E LEVANDOWSKI, 2010; LIMA, 2012 apud BENETTI; INADA, 2018. p. 2).

Engravidei a primeira vez aos 13 anos e sofri um aborto espontâneo. Perdi o ano escolar inteiro. No ano seguinte, voltei a estudar, aos 14 anos, engravidei novamente, e veio a minha filha Maria Heloiza. Quando ela nasceu eu estava com 15 anos, e neste ano eu também não estudei. As memórias forjadas pela minha inserção no “mundo adulto” via conjugalidade e maternidade, em tão tenra idade, me conduzem, por vezes, como agora, ou quase sempre, a partir dessa escrita de si, a reflexões catárticas, como descritas a seguir que podem nos ajudar a compreender o mundo e as diversas realidades que nos constituem.

4.1 Reflexões de uma mãe em crise

Crise de quê? Não foi diagnosticada, sequer houve a possibilidade; então, devo chamá-la, aqui e agora, de crise humana, crise existencial, situacional, de desenvolvimento, por viver, por ser quem sou, nessa interseccionalidade de desigualdades sociais e culturais da qual sou - e estou - sujeita.

Aqui, escrevo percebendo e admitindo que minha escrita se realiza e desenvolve entre as inúmeras percepções e reclamações sobre as dificuldades sociais e domésticas que enfrento, desde que nasci, para conseguir sobreviver. Sempre escrevi através dos desabafos que não tinha para quem contar. Minhas escritas, nos meus cadernos, se resumem a crises psíquicas, sofrimentos dos mais variados que só quem é mulher mãe e pobre no Brasil consegue entender. E tamanha é minha resistência quando penso que poderia melhorar essa escrita para servir aos interesses acadêmicos, pois é mais uma parte deste colonizar a que fui submetida, e que foram submetidas minhas ancestrais. Mesmo com essas inquietações: sigo. Não haverá resistência pela terra e suas filhas sem que primeiro haja resistência em nossas mentes. O acesso ao conhecimento também nos pertence. E já não sou apenas a menininha

que não sabia quem era ou o que queria. A partir do reconhecimento e acolhimento das minhas origens, me fortaleço, me reconheço.

Continuando minha trajetória nesse entrelaçar de tantas outras: Cresci rápido e me sentindo sozinha, precocemente iniciei a vida adulta; procurava amor; o amor que não pude ter dos meus pais. Nesse contexto fui adultizada, assediada, erotizada, manipularam meus sentimentos. E “me juntei”⁸ aos 13 anos, com o pai da minha filha, 8 anos mais velho que eu. Estava grávida, sofri um aborto espontâneo e, de início, já perdi um ano escolar.

Voltei a estudar e fui mãe, ainda na adolescência, aos 15 anos. Nessa época também passei por dificuldades que também interferiram nos meus estudos. Quando minha filha Maria Heloiza nasceu, eu novamente parei de estudar por mais um ano; queria cuidar dela. No ano seguinte, voltei a estudar, e não sem dor, pensava em separar-me do pai da criança, inclusive um dos motivos era o fato de eu já estar cuidando dela sozinha, sem o apoio dele. Para ilustrar a solidão materna: lembro de um dia que a bebê estava doente, eu tinha uma prova naquele dia e não podia faltar, pedi para que ele ficasse com a criança e a levasse ao médico. Ele se recusou e foi pra casa do pai. Eu fui pra aula e fiz minha prova, quando cheguei, mais de 13:00 horas da tarde, - o percurso leva uma hora para ser feito de ônibus, da escola em Pedra Lavrada, cidade do interior da Paraíba, até a residência de meus avós e minha, o sítio caboclos, na zona rural - e a criança continuava doente. Tive que levá-la ao médico com a ajuda de um vizinho e, no caminho já pensava, com minha filha bebê febril no colo, que aquele relacionamento não duraria daquela forma.

Pouco tempo depois, me separei dele. E talvez como forma de punição, ele imediatamente parou de pagar à babá, minha prima, que ficava com a criança para que eu pudesse estudar na parte da manhã - enquanto eu estava com ele, ele não permitia que estudasse à noite; dizia que não era pra mulher casada - e assim, depois da separação, eu tive que estudar à noite porque ele não mais pagou a babá, fazendo com que a única alternativa possível para mim fosse que eu estudasse à noite e minha filha ficasse com meus pais/avós.

A despeito dos avanços, há um número significativo de mulheres que ainda hoje tem dificuldades de ter acesso à escola ou dar continuidade aos estudos, essas dificuldades são: gravidez precoce, casamentos, dupla jornada (emprego e trabalho doméstico), cuidado e educação dos filhos, proibição dos pais ou maridos. Para estas, a EJA coloca-se como uma alternativa para o resgate desse direito. (VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 49).

⁸ Forma coloquial bastante utilizada em cidades do interior, à época. Descreve uma relação em que duas pessoas vivem juntas maritalmente com intenção de constituir família, porém a união não é formalizada institucionalmente através da oficialização do casamento.

Segui meus estudos; estava no segundo semestre do 9º ano e tive que terminar o ano letivo na modalidade EJA, supletivo, que compreendia 8º e 9 anos, simultaneamente, pois não existia turma regular à noite. Lembro-me de me recusar a estudar um assunto que já havia estudado anteriormente e era relativo ao ano anterior que eu havia cursado de forma integral, com o mesmo professor, e ainda grávida.

Esse foi meu primeiro contato com a EJA, mesmo que de forma rápida. Recorro a um termo muito usado na universidade para definir quem não está no período regular do curso: desde essa época que estou “*desblocada*”.

No ano seguinte, em 2010, me matriculei e cursei o primeiro ano do ensino médio na modalidade regular. Em julho deste ano Painha ficou doente e após longas semanas de exames para diagnóstico, foi concluído: era câncer de próstata. Os médicos cogitaram mais 5 anos de vida. Este ano foi especialmente difícil, eu já tinha planejado me mudar para João Pessoa para dar continuidade aos meus estudos e tentar ir construindo minha independência. Minha família achava que eu deveria continuar lá no sítio, cuidando do meu pai, e me pressionaram para isso. Entre idas e vindas da capital para o interior, revezando entre cuidar da saúde do meu pai junto com a minha família, em hospitais, minha filha, e cuidando do sítio, conclui o primeiro ano do ensino médio, e ao fim do ano, me mudei para a casa de minha tia, em Cabedelo - PB, que já tinha um menino e aguardava sua segunda filha; Ela estava gestante, nova vida brotou em meio a notícia da enfermidade do meu pai.

Em 2011, morando em Cabedelo, procurei escolas para continuar meus estudos à noite, só encontrei na modalidade EJA, supletivo. Como eu não contava com ninguém que pudesse me orientar quanto aos estudos, achei que fosse uma boa ideia terminar o ensino médio em um ano a fim de conseguir mais tempo no ano seguinte para trabalhar e sustentar a mim e a minha filha Heloiza, que nesta época tinha 3 anos. No primeiro semestre ajudei minha tia em seu processo de puerpério e adaptação à nova bebê que nasceu em março daquele ano. No segundo semestre já trabalhava em um restaurante das 7 horas da manhã às 3 horas da tarde, de segunda a sábado. Eu e minha tia nos revezávamos com os cuidados com as crianças.

Meu contato com a EJA durante este ano me trouxe inquietações acerca da qualidade dos conteúdos ministrados, eu achava que estava perdendo em conteúdo, mas a vida familiar estava tão complexa que me faltava tempo para questionar sobre os motivos desta modalidade funcionar assim.

Por ser mãe, passei a estudar à noite, pois tinha que trabalhar durante o dia. Por ser mãe, estudei na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante o segundo e

terceiro anos do ensino médio em modo supletivo. E poderia até ter ignorado esse fato, caso não tivesse sido mãe novamente, aos 22, quando finalmente havia conseguido começar o curso superior de pedagogia na UFPB, com aprofundamento na área de Educação de Jovens e Adultos.

Em 2014 comecei o curso de pedagogia na UFPB, um mês depois constatei que estava grávida. Eu já era mãe e já enfrentava as dificuldades de estar morando sozinha com a criança, estudando, trabalhando. A relação com o pai da criança mais nova foi instável desde o início, havia ciúmes, possessividade e muita alienação psicológica. Eu ainda era nova e inexperiente, não conseguia identificar a dimensão do problema em que estava me metendo, mas sentia que algo não estava certo. Passei a morar junto com pai da criança e os problemas só foram aumentando em grau e número.

Quando minha filha nasceu, em janeiro de 2015, não tive apoio nem ajuda para dar entrada na solicitação de licença maternidade, junto a coordenação do curso, o que culminou na reprovação de três disciplinas. Dezoito dias após o parto, meu Painha que já estava em estado terminal, faleceu, fez a passagem para o plano espiritual, encantou-se, deixando aqui na terra, seu legado, sua história, e infundas saudades. E como foi difícil para mim e toda a família lidar com esse novo contexto, a sua ausência. Mas voltei-me em tom de cuidado para as minhas filhas, e agradei a Deus por me confiar a mim a maternidade de um novo ser, antes de encerrar a trajetória de meu Painha aqui na terra. Uma estrela se apaga no céu e nasce na terra, ao passo que outra estrela fínida na terra mas renasce para o plano espiritual. Em 2015 tranquei o curso, e após os 4 meses de licença maternidade, mais 2 meses de férias, pedi demissão do emprego em que trabalhava exercendo a função de recepcionista, passei o ano me dedicando à família e às crianças trabalhando em casa como revendedora autônoma.

Em 2016 voltei a estudar, em nova turma. No primeiro período me matriculei apenas nas três disciplinas que havia reprovado anteriormente. Já no segundo período do ano, me matriculei na grade completa do curso, e a partir daí fui me percebendo mais sobrecarregada pela rotina exaustiva de cuidados domésticos que me impossibilitava de estudar e realizar as tarefas e trabalhos próprios do curso. O pai da criança continuava irredutível quanto à divisão das demandas domésticas. Se “escondia” do trabalho doméstico alegando trabalhar fora e levar trabalho para casa, como professor. Porém continuava a malhar na academia, sair para barzinhos, consumir álcool dentro de casa, assistir séries e filmes, e para ficar com a própria filha, era necessário que eu lhe pedisse por favor e lhe justificasse a minha ausência, mesmo que fosse para tomar banho.

Essa situação foi gerando uma série de conflitos em que não apenas eu e ele estávamos envolvidos, mas toda a família, a saber: a mãe dele, a filha dele, a minha filha - que ele afetava psicologicamente para me afetar - e a nossa bebê, além de envolver outras pessoas do nosso convívio, bem como minhas colegas de curso, que eram xingadas constantemente dentro de casa como forma de me humilhar e diminuir. Os problemas se arrastaram por um tempo, mas em março de 2017 consegui me separar da criatura e sair da casa que ele alegava ser dele, mesmo alugada, e que ele já havia me expulsado diversas vezes, enquanto eu não tinha pra onde ir com minhas crianças.

Consequentemente, 2017 se tornou uma espécie de ano ápice na universidade para mim, me concentrei nos estudos e consegui participar de um projeto de pesquisa que me deu ânimo para seguir tentando compreender as pessoas e suas diferenças e singularidades. Cursei disciplinas que estavam “atrasadas” na grade curricular. Me senti gente novamente, capaz, potente, recuperei minha autoestima e segui para finalmente em 2018 começar a mover processos de pedidos de alimentos para as minhas filhas. Um pequeno passo para quem é da área do direito e da justiça, mas um enorme passo para uma mãe nas minhas condições.

Eu não sabia das inúmeras violências institucionais pelas quais passaria no âmbito jurídico civil em busca dos direitos das minhas filhas. A partir dessas violências cometidas por profissionais da justiça, perpetuando a violência primária que os pais das crianças cometiam e ainda hoje cometem contra nós, o meu quadro depressivo foi se agravando. Imersa nos estudos, fui me dando conta da dimensão do problema em que todas nós mulheres estamos inseridas: o problema de gênero, ao qual se juntam outros aspectos de nossa vida em sociedade, a saber, as desigualdades sociais, culturais, raciais, étnicas, geográficas e todas estas institucionalizadas. Este contexto afetou fortemente o meu desempenho na universidade como estudante e até hoje não obtive sequer um aumento ou reajuste nos valores das pensões alimentícias das crianças.

O tempo foi passando, fui devagar, encontrando meu ritmo de estudos e conciliando com a vida de dedicação exclusiva às minhas meninas. Consegui me perceber estudante sujeita de direitos dentro da universidade e após algumas tentativas consegui ser aprovada como apta a receber auxílio moradia, o que me possibilitou continuar estudando e estar aqui, neste momento, em 2023, a alguns dias da apresentação deste trabalho.

Moro com minhas filhas e sou responsável pelos seus sustentos e demandas seja de qual ordem for, para mim, sentar para escrever é um exercício que demanda muita força de vontade, empenho e persistência, pois as demandas parecem não ter fim. Acordo cedo e lembro das demandas acadêmicas, mas antes preciso pensar e fornecer a primeira refeição do

dia, a segunda, limpar, organizar, lavar, suprir, lidar com as crises emocionais, os choros e birras, querer e não querer, as fases de doenças, desde o isolamento durante a pandemia Covid-19 até as síndromes respiratórias atuais das quais estamos sofrendo com os sintomas. Tenho o período que elas ficam na escola a meu favor, mas na realidade, as 4 horas que elas passam na escola requerem cerca de 4 horas ou mais de trabalho anterior, para que na hora que o sino tocar, elas estejam lá, limpas e alimentadas, com a tarefa feita e felizes para mais um dia de aprendizado escolar. Ao fim do horário escolar voltam para a minha tutela, carentes de afeto, comida, atenção, escuta e brincadeiras. Se entro no meu quarto/escritório, logo aparece alguém na janela ou batendo à porta com alguma necessidade ou dúvida. Daí o raciocínio logo se volta para a realidade, deixando de lado os estudos.

Mesmo com as interrupções, volto aos estudos, ao texto, à escrita, pois é onde encontro, senão todas as respostas, mas as pistas para explicar de onde vêm as dificuldades que enfrento dia após dia e que vejo as mulheres ao meu redor enfrentarem, cada uma a seu modo.

Hoje é domingo, 04/06/2023, estou a dois dias de enviar este trabalho para a banca que irá me avaliar, passei o dia inteiro na Unidade de Pronto Atendimento à saúde, atendendo às minhas crianças que estão enfrentando uma virose longa. Ainda estou me recuperando da mesma virose, da qual nem atendimento médico me proporcionei. Curei na marra, como dizem por aí. A perspectiva agora é passar os próximos 10 dias com elas em casa, medicando-as, sem ir à escola pois estão de atestado médico. As últimas escritas e correções deste trabalho serão feitas neste contexto. Não sei se por ironia do destino, mas neste momento, nem a escola poderá me auxiliar na divisão do tempo de cuidado com as crianças. O pai de Heloiza mora distante. O pai de Giovanna é professor federal e mora na mesma rua que nós, porém se recusa a ajudar de qualquer maneira e mantém meu contato bloqueado em seu celular, barrando até as tentativas de comunicação. Meu amigo e companheiro, com quem ultimamente tenho dividido a casa, os trabalhos domésticos, as despesas e a vida, também está doente, e trabalha fora a semana inteira. Ou seja, vou me virar como dá, para conseguir escrever. Mas, vamos que vamos, pois se está difícil para mim, hoje, para as minhas ancestrais foi bem pior, elas sequer tiveram chance de contar as suas histórias.

O dia hoje parece não ter fim... São 23:14, a minha filha mais velha arde em febre, eu dei remédio, minha filha menor chora por querer que eu fique ao lado dela até que ela durma, eu disse a ela que preciso estudar, e vim, com o coração partido pois estou negando afeto e companhia, mesmo tendo passado o dia inteiro me doando, ainda não foi suficiente para elas. Será que está faltando afeto e cuidado de alguns pais por aqui? Tenho certeza que sim.

5. MULHERES E MÃES NA EJA, NOSSAS HISTÓRIAS: ENTRECruzAMENTOS

A pesquisa que dá origem a este Trabalho de Conclusão de Curso vem sendo idealizada desde 2018, quando pela primeira vez, cursei a disciplina TCC I, que compreende as normas e técnicas necessárias para a construção do TCC, e a construção do projeto para tal. Contudo, meu aprendizado não é linear e não cabe no tempo da instituição, em meio às dificuldades - como a ausência de um computador em bom estado de funcionamento - e as demandas de um lar com crianças, acabei não conseguindo escrever o projeto na primeira vez que cursei a disciplina, tampouco na segunda, vindo o projeto a se concretizar já após a pandemia, em 2021, quando, com economias vindas do auxílio emergencial para as mães solo concedido em 2020, consegui comprar um computador para estudar, e assim concluí com sucesso a disciplina que foi ofertada em modo remoto.

A disciplina TCC II que compreende a escrita do TCC e sua defesa também já foi cursada por mim duas vezes, em 2022, até que no período de trancamento, percebi que não conseguiria defender a tempo e tranquei-as, me dedicando a outras disciplinas, extracurriculares. As trocas de orientadoras, - pessoas apontadas, que eu não conhecia previamente, também os encontros acontecendo em modo remoto, - não contribuíram para o sucesso da escrita. Assim, essa ideia vinha se arrastando pelo tempo, gerando sofrimento e sensação de incapacidade.

Mesmo diante das interrupções e quebras, não desisti. Penso ter aprendido ao longo de minha história estudantil: quando se trata de educação, sempre vale a pena tentar mais uma vez; desistir definitivamente não era uma opção. Sempre haverá algo novo para aprender, em qualquer que seja o tempo ou a idade.

Como dizem que as dificuldades nos fortalecem, é pensando por esse aspecto que escolhi terminar o curso entrevistando mulheres que apostaram que a educação pode ser um bom caminho, mesmo depois da chegada dos filhos: as mães que estudam na modalidade EJA, que por algum motivo, - minha hipótese é que seja exatamente pelo fator maternidade em suas vidas - tiveram que interromper seus estudos, voltando a estudar posteriormente em uma modalidade diferente da educação regular na idade comum.

Pretendi, ao conversar com essas mães, esclarecer quais são suas maiores dificuldades, bem como seus melhores sonhos e como a busca pela realização destes sonhos impacta positivamente nas suas vidas e nas vidas de seus/suas filhos(as).

*Mais um dia vem
Com ele uma mulher vai levantar
No rosto a água lava
O que não deu pra descansar
O dia tá chamando no portão*

*Quanto tempo faz
Que ela nem se olha devagar?
Barraco sem espaço
Prum espelho pendurar
Criança chora e haja colo pra ninar*

*No meio do dia sente esvaziar-se
Sabe que seu corpo quer sonhar
Mas ela está só, tem que segurar
A realidade vem gritar*

*E a noite é linda, escura como sua pele
E ela chora, como se fosse cantar!
E a noite é linda, escura como sua pele
E ela canta, como se fosse chorar!*

*Música: Uma mulher
(ANA COSTA ; ZÉLIA DUNCAN, 2019)
CANTA: ALCIONE*

5.1 A história de Fátima

Fátima⁹, a primeira mulher, mãe, estudante da EJA foi entrevistada no dia 08 de março, coincidentemente, dia internacional da mulher, que, para o senso comum é dia de relembrar as lutas das mulheres por equidade de direitos. Fátima veio determinada. Havia saído direto do trabalho, onde exerce a função de trabalhadora doméstica, com carteira assinada. Apenas uma pequena timidez foi revelada no momento de gravar as respostas, portanto, em alguns momentos, ela falou sobre assuntos que não gravou, porém devo contá-los a seguir.

Mulher, de pele negra, 36 anos, mora com um filho de 20 anos de idade, uma filha de 14 anos, e seu esposo, pai das crianças, 44 anos e sua sogra. Natural de Alagoa Nova - PB, filha de agricultores, Fátima me conta que **“tem vocação para cuidar.”** Ainda pequena,

⁹Nome fictício escolhido pela entrevistada.

cuidou dos avós e contou emocionada que viu seu avô morrer em seu colo, tamanho era o seu trabalho de cuidado e sua responsabilidade, mesmo precoce.

Estudou em escola pública até a 5^o série, parou de estudar grávida, aos 16 anos, e não conseguia voltar para a escola pois não havia com quem deixar seu filho. Na época, ela morava com o pai da criança e a sogra que, além de não compartilharem as tarefas de cuidado com a criança, ainda a sobrecarregavam com trabalhos domésticos, pois, segundo Fátima, tinham problemas com alcoolismo e após consumirem a substância, passavam grande parte do tempo dormindo. Vencida a etapa do alcoolismo do pai e da avó da criança, migraram para a capital, ela, o filho, o esposo e a sogra, - que é enferma e Fátima cuida dela nos dias atuais - teve mais uma filha, e, neste momento, passou por dificuldades de saúde quanto à gestação e parto da criança, o que adiou um pouco mais a sua volta para a escola. Sobre esse afastamento, as autoras Vieira e Cruz, (2017) compreendem que diversos são os motivos:

Muitos fatores concorrem para o afastamento da mulher da escola, a saber: impedimento de estudar pela família, por acreditar que mulher não precisava de estudo; entrada no mercado de trabalho precocemente para contribuir com o sustento do grupo familiar; a constituição social do casamento; nascimento dos filhos, retendo-as no âmbito doméstico. Assim, mais tarde, com os filhos e mesmo, por vezes, os netos criados, viúvas, separadas, aposentadas, enfim, superada a etapa anterior totalmente ou em parte, de cuidar do outro, podem recuperar o sonho e, então, cuidar de si, retornando à escola. (BASTOS, 2011, apud VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 50)

Sobre sua decisão de se matricular na EJA para voltar a estudar, disse: *“eu voltei, eu resolvi voltar a estudar de novo porque... para arrumar um emprego melhor, ter oportunidades de uma vida melhor, e a única solução é o estudo, porque é a única importân... a única coisa importante que a gente tem na vida é o estudo.”* Neste ponto, notamos que ela enfatiza a importância da construção do saber, no processo de aprender mais, guiada pela instituição escolar.

Ao ser questionada sobre os possíveis desafios que enfrentou e/ou enfrenta para conseguir estudar, Fátima diz: *“Enfrento muitos desafios, porque tenho que trabalhar, tenho que cuidar de casa¹⁰, cuidar de filho, e, chega a noite, ir pra escola, e, tem que ter muita força de vontade, porque, senão...”* O “senão...” aqui deixado em reticências denota a ideia de desistência, de não dar conta, mesmo assim, ela não o verbaliza, pois, pelo que pude interpretar, a partir de sua fala, essa hipótese não é bem vinda para a persistente Fátima. De acordo com Flávia Biroli (2018, p. 14):

¹⁰ “A posição hierárquica da dona de casa e o trabalho doméstico desvalorizado são faces de uma única moeda, mesmo quando as mulheres trabalham dentro e fora de casa”. (BIROLI, 2018, p. 79)

As mulheres assumem o cuidado das crianças, dos idosos e das pessoas com necessidades especiais em grau desproporcional em relação aos homens. Isso ocorre tanto quando o fazem como parte de suas funções cotidianas na vida doméstica - e, portanto, sem serem remuneradas por isso - como quando são cuidadoras ou trabalhadoras domésticas remuneradas.

A partir do que afirma a autora citada, não há distanciamento entre o discurso de Fátima e a vida de tantas outras mulheres que precisam, tão somente, cuidarem de outros e outras, mas cuidarem de si mesmas. Voltando ao dizer de Fátima, como possibilidade de resistência, continua:

Eu acho que quando a gente tem força de vontade e quer, tudo consegue, porque, questão de trabalhar, tudo, mas se você tem força de vontade, e eu quero ir em frente, porque eu quero uma coisa melhor pra minha vida, então eu enfrento tudo isso, eu, cumé?! Eu trabalho de manhã, estudo a noite, cuido de casa, cuido de filho, e ainda vou caminhar, faço caminhada, faço as coisa tudim. Eu gosto de estudar, e pretendo terminar, até o fim.

Aqui novamente há uma descrição, de forma resumida, de suas tarefas diárias, inúmeras tarefas domésticas e de cuidado que cabem na frase “*eu trabalho de manhã, estudo a noite, cuido de casa, cuido de filho...*” e não fica por aí, ela faz questão de mostrar que também reserva um tempo de cuidado só pra ela: “*e ainda vou caminhar*”. A transparente luta sem desistência, a vida difícil no interior parece ter despertado seu arquétipo da guerreira, palavra que ela usou para se definir reiteradas vezes durante a entrevista. E a “guerreira” não pensa em parar, só pensa em continuar, até o fim, e esse fim não está relacionado com sua conclusão do ensino médio; Fátima sabe que é possível e que quer aprender até o fim da vida.

Quando fala sobre como a sua maternidade se relaciona com sua vida estudantil, ela afirma:

(...) eu aprendo muito pra ensinar aos meus filhos, foi uma oportunidade que eu tive, pra quando chegar em casa eu ensinar, o que eu aprender eu vou ensinando a eles. Pra ensinar pra eles que na escola é pra ter um futuro melhor, né, tem que estudar, e o estudo é a única solução que eles têm, pra ter uma vida melhor, ter uma faculdade, ter algo na vida é o estudo, então isso eu estudo e passo pra eles, pra ensinar a eles que o estudo é muito importante na vida.

Neste ponto, ela ressalta a importância do aprendizado para as pessoas em geral, para ela como mãe, que ensina e dá o exemplo. Incentivando para que as crianças sigam estudando, amparadas pelo seu exemplo e força de vontade. Continua exercendo o seu lugar de quem cuida, quando afirma “*eu aprendo muito para ensinar os meus filhos*”.

Uma das faces cruéis da responsabilização desigual é a atribuição às mães não apenas as tarefas cotidianas, mas da responsabilidade por “educar” e “proteger” seus filhos, em ambientes sociais nos quais o Estado não apenas se esquivava de fornecer garantias básicas, como a proteção à vida, como também viola direitos formalmente constituídos. (BIROLI, 2018. p. 14)

Sobrepondo-se ao caráter da responsabilidade desigual entre pais e mães, como citado anteriormente, a “guerreira” Fátima planeja seu futuro estudantil. Sobre o que pretende fazer após a conclusão do ensino médio na EJA, responde: *"Meus planos quando terminar o ensino médio é arrumar um emprego melhor, fazer uma faculdade, porque eu acho que nunca é tarde pra gente... conseguir fazer algo na vida.* Nesse trecho de sua fala, evidencia que nunca é tarde para conseguir se superar, demonstra que não se sente deslocada em sua turma devido à idade ou qualquer outra dimensão de sua vida.

Na esteira desse futuro, sobre qual curso gostaria de fazer, responde: *pretendo fazer uma faculdade, um curso de gastronomia. O meu sonho é ser um dia uma chefe de cozinha, nunca é tarde pra isso, só basta querer e sonhar, e persistir, e correr atrás do sonho."*

Fátima é uma mulher que cozinha todos os dias, para a família da patroa e para a própria família, seu sonho já é realidade na prática, porém seu trabalho e seu tempo são explorados de forma que ela ainda não teve condições de se aprofundar nos estudos. Não recebe um salário tal qual uma chefe de cozinha formada em gastronomia, mas é ela quem alimenta duas famílias, ou mais, preparando-lhes, todos os dias, o “sagrado” alimento.

Ao falar sobre o que ela considera superação em sua história, respondeu: *"(...) Eu me considero uma mulher guerreira, porque apesar de tantas coisas que eu já passei, eu vivo lutando, estudo, cuidado de casa, e pretendo seguir em frente e é isso."* Sua fala sempre demonstra que acredita na educação como forma de melhorar a qualidade de vida, algo que foi construído recentemente no imaginário das pessoas de classe social baixa como nós, pois devido às condições políticas da oferta de educação pública no Brasil colonizado, escravizado e elitista, até nos direitos mais básicos, pessoas como nós, foram e são ignoradas dentro dos lares, cuidando e servindo, alheias ao fato de que a escola é obrigação do Estado para suas cidadãs e cidadãos. A educação é um direito social que o Estado brasileiro deve garantir para todas e todos. Está previsto na Constituição Federal de 1988¹¹ e por meio desse direito podemos sonhar em ser “alguém” que ainda não “somos”, em fazer algo que ainda não fizemos, enquanto sujeitos de direito garantidos pela Lei maior de nosso país.

A minha história e a de Fátima têm em comum alguns aspectos, como o lugar de origem: ela veio do interior para a cidade, e eu também, com isso sofremos o processo de adaptação e mesmo assim, ainda sofremos em algum grau, com a distância do nosso lugar de origem e o deslocamento que sentimos em relação à cidade. Fátima, assim como eu, também

¹¹Conforme Constituição Federal: Capítulo II, Art. 6º São direitos sociais a **educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados**, na forma desta Constituição.

se viu imobilizada pela quantidade de trabalhos de cuidados que teve que realizar desde pequena, por sua família de origem e por sua família construída.

Ela se identificou com objetos em minha casa, como uma lamparina à querosene, abano de palha, pilão de madeira, itens que ela fez questão de sinalizar que também fazem parte de sua cultura. Ela sonha em ser chefe de cozinha, eu em ser professora universitária, mas ambas temos um longo processo a percorrer dada a distância dos nossos lugares atuais às metas estabelecidas por nós mesmas.

*Vou me apaixonar
Pelo meu viver
Me jogar no centro
Dessa roda até renascer*

*Cantadeira eu sou
Filha de um luar
Na batida o vento
Me ensinou a cantarolar*

*Guardei todo céu que eu vi
Espalhei amor, invisível fui
Sei cuidar de mim
Sei curar a dor
Minha força é alimento
Meu terreno de acordar
Já pari o meu destino
Longe ou perto, eu posso tudo
Sou de outro lugar*

*Vim nas curvas, vim nas veias
Vim pelas águas
Vim entre um alento e um penar
Vim na História
Vim na raça
Vim sem as mágoas
Vim de uma nascente, eu sei amar*

*Música: Sou nascente
(ANA COSTA ; ZÉLIA DUNCAN, 2019)
CANTA: DANIELA MERCURY*

5.2 A história de Maria da Paz

Maria da Paz¹², a segunda entrevistada, tem 43 anos, se auto identifica como pessoa de cor parda, é natural de Serra da Raiz-PB; sua mãe era doméstica do lar, seu pai agricultor. Atualmente ela mora com os dois filhos, de 15 e 23 anos, e com seu esposo, 48 anos, pai dos meninos. Trabalha de forma autônoma e em sua própria casa como babá, atividade que passou a exercer depois que conseguiu concluir o ensino médio. Foi entrevistada no dia quinze de março, e também fez questão de vir à minha casa para realizar a entrevista. A respeito do motivo dessas mulheres não optarem pela entrevista ser realizada em suas casas e como mãe

¹²Nome fictício escolhido pela entrevistada.

solo e dona de casa penso que, de fato, o lar pode ser confortável para outros membros da família, em outras condições, mas para a mulher-mãe que está sempre envolvida com as demandas domésticas, o lar, por vezes nada mais é do que o local de trabalho, onde pouco se descansa.

Maria da Paz, conhecida há algum tempo, já sabia que tinha concluído o ensino médio na modalidade EJA recentemente, mas durante a entrevista ela me contou fatos totalmente desconhecidos. Começou a estudar em escola pública aos 7 anos de idade, aluna exemplar, frequentou assiduamente até a 5º série, quando, aos 13 anos de idade teve que abandonar os estudos para ajudar a família com a própria força de trabalho, ajudando o pai na roça, fato relatado com emoção; com a voz levemente embargada e os olhos úmidos, relata:

É... Eu parei de estudar, eu tinha 13 anos, tava na quinta série. Um dos motivos maior foi porque... como minha família é grande, somos, somos em 10 irmão, comigo, e... tinha um pouco de dificuldade na vida financeira, então decidi, é... ter que escolher, entre, entre o trabalho e a escola, eu lembro que na época foi um pouco doloroso pra mim, porque eu tinha muita vontade de estudar, pensava de um dia fazer, ter uma formação, ser alguém né?! eu pensava assim. E lembro quando eu cheguei pra minha mãe e falei pra ela, falei assim: mãe, eu... vou trabalhar! Porque desse jeito não tá dando, então tem que ter alguém pra ajudar meu pai e eu vejo que se eu não fizer assim, agora, eu não vou ter... coragem de fazer um dia, mesmo sabendo que eu vou deixar pra lá uma coisa que eu queria muito que era estudar. Aí foi aquela coisa, e... (emoção) Minha mãe... ficou muito triste porque viu o quanto que eu queria né?! estudar! mas ali eu tava deixando um sonho, que era, pra mim era um sonho, eu já tinha na minha cabeça o que eu queria fazer, quando fosse me formar... aí fui na escola e falei com os professores, diretores, todo mundo, aí teve aquela revolução porque... (emociona-se) eu era uma menina muito esforçada na escola, todo mundo assim, me elogiava, a forma que eu conduzia as coisa... eu era tímida e sou ainda, mas eu conseguia assim, falar, eu fazia as tarefas direito, era muito esforçada, todos falavam que eu era inteligente, então ninguém queria que eu parasse, ainda foram lá na minha casa, conversar com meus pais, pra que não deixasse eu fazer tal coisa, porque era, foi muito... triste. Eu era muito novinha né?! 13 anos, eu nem sabia realmente tomar decisão, mas eu tive que tomar essa decisão, e foi super triste! Quando eu lembro disso eu ainda fico triste! Porque eu sabia que não ia ser fácil pra mim no futuro, talvez eu ia sentir, como hoje eu sinto muito ainda por ter feito, mas foi uma necessidade.

Maria da Paz foi mais uma menina que, oriunda de uma família de classe social baixa, teve que abandonar os estudos para iniciar uma jornada laboral em prol da sobrevivência de sua família; hoje tem noção do seu sacrifício e da responsabilidade que teve que assumir precocemente, aos 13 anos, a contragosto de sua mãe e do corpo docente da escola onde estudava, ou seja, abandonar seus estudos para ajudar a família, quando “*nem sabia realmente tomar decisão*”. Seu sonho de “*ter uma formação e ser alguém*” foi adiado por tempo indeterminado, guardado para um futuro incerto, deixando-a triste pela decisão tomada.

E o que seria esse “*ser alguém*” a quem nós mulheres-mães nos referimos e tão presente nos discursos dos sujeitos desta pesquisa? Esse “*ser alguém*” tem muito a ver com

sairmos da invisibilidade, do anonimato, da esfera privada do lar, tem a ver com recebermos pelos trabalhos, geralmente trabalho reprodutivo e de cuidados, que realizamos desde crianças e gratuitamente; pode estar relacionado com a possibilidade de ter nossa própria renda financeira¹³, ter nossa própria profissão, e para isso, temos que estudar:

A escola é vista pelos alunos/as como detentora única do saber. Eles buscam, nesse espaço, suprir a carência de um conhecimento que reconhecem como imprescindível para viver na sociedade moderna. Não dominar esse saber escolar é, mais uma vez, sentir-se excluído do mundo. (SOUSA, 2011. p. 116)

Vivemos num mundo letrado que exige certificados para qualquer área de atuação, mas que ainda nega as condições mínimas de desenvolvimento para uma grande parcela da população, a mais carente socialmente.

Maria da Paz cresceu trabalhando para ajudar sua família; casou e teve seu primeiro filho em torno de 20 anos de idade; depois, foi morar em outro estado, seu primeiro filho cresceu e ela voltou para a Paraíba e deu início ao caminho em direção ao seu sonho:

Aí o tempo passou e eu pensei né?! Vou fazer o que eu não pude fazer lá atrás, nunca é tempo pra parar. Aí fui me matriculei novamente. Foi a primeira vez em 2007... isso 2007, aí matriculei com o meeismo pensamento, vou estudar e quero vencer! Quero ainda fazer o que eu tinha vontade e não pude fazer na minha juventude.

O sonho dela não morreu! Apenas foi adiado por um tempo, mas ela conseguiu voltar a frequentar a escola. Encontrou, assim, na modalidade EJA a oportunidade de retomar e concluir seus estudos, afinal, ela agora tinha um tempinho a mais disponível; mesmo desempregada, contava com o salário do esposo e contribuía para o sucesso do mesmo resolvendo todas as demandas do lar e da educação do filho, enquanto este poderia se dedicar livremente a trabalhar fora e, como seu primeiro filho já estava um pouco crescido, ela tinha condições de voltar a investir na própria educação. Sobre isso, afirma Biroli (2018, p. 28):

A distinção entre trabalho remunerado e não remunerado é, assim, um ponto central. O trabalho que as mulheres fornecem sem remuneração, como aquele que está implicado na criação dos filhos e no cotidiano das atividades domésticas, deixa os homens livres para se engajar no trabalho remunerado.

E assim Maria da Paz prosseguiu sua jornada em busca do conhecimento escolar, já haviam se passado alguns anos, dedicando-se a rotina doméstica e de cuidados com seu lar, filhos e esposo, educando e ensinando aos filhos da forma como sabia, sua ânsia por dar continuidade aos estudos lhe movimentaram:

¹³Apenas em 2023 foi aprovado no Brasil, pela câmara dos deputados, projeto de lei que torna obrigatória a igualdade salarial entre homens e mulheres exercendo a mesma função.

Então, em 2007, no começo né, fevereiro de 2007, eu me matriculei, aí fui feliz da vida, porque tava voltando, retornando né, para estudar; pensando no meu sonho! Aí fiquei... quando de repente: fiquei grávida do meu segundo filho! Fiquei grávida, e.. ainda consegui estudar quatro meses, só que tive uma gravidez de risco, aí foi mais uma frustração para mim, porque eu não conseguia chegar na escola. Começou as dificuldades, gravidez de risco, aí eu não conseguia de forma nenhuma ir pra escola. Fiquei alguns dias internada, não podia ir; o médico foi me afastou, falou: você vai ter que se afastar! Falei que estudava, lá, eu ainda me lembro que eu chorei muito quando o médico falou... porque eu falei: meu Deus mais uma vez eu vou deixar meu sonho para trás! Aí... parei, parei e aí veio, ele, veio a maternidade, ele nasceu... veio as dificuldades, ainda passei mais uns anos afastada. Quando foi... em dois mil... e quin... dezesesseis... eu retornei de novo, fiz novamente a matrícula, meu filho já tava um pouquinho maior, aí as facilidade foram melhor; foi acontecendo, e... foi isso.

A maternidade... como conciliar uma gestação de risco com os estudos? Como continuar estudando, se deslocando até a escola, à noite, se precisa repousar permanentemente? E assim Maria da Paz teve novamente que interromper, por um bom tempo, sua busca pela formação escolar. Conseguiu estudar por um tempo e, em seguida, passa alguns anos afastada da escola para, só em 2016, retornar e conseguir dar continuidade, mas não sem muitos desafios para enfrentar, os quais ela narra brevemente:

Ah... aí veio os desafios né! O desafio começou assim: o dia a dia, né!? Porque ser mãe, cuidar de casa, já não é tão fácil, como muita gente pensa que é, mas não é não! Aí vem, a gente passa o dia ali, naquela rotina... chega a noite, quando chega lá, nesse, lá, como eu cheguei, aí veio a dificuldade pra... entender. Quando eu via a professora ali, diante daquele quadro, escrevendo aquelas coisas, para mim era como se eu tivesse praticamente cega, eu olhava, eu via só a boca da professora abrindo e fechando, e eu: meu Deus... eu não tô entendendo nada, (risos) minha mente fechada. Esse foi, um dos desafios muito grande! talvez até mais do dia a dia, porque dia a dia a gente enfrenta já na... levando quase na normalidade, mas lá... e ainda ter que... se acostumar com outras pessoas, mas ali você, eu fiquei assim, olhava para um lado para o outro, e pensando: não, aqui é todo mundo igual a gente tamo no mesmo propósito, cada um tem um sonho, aí eu fui enfrentando assim, o desafio.... e foi indo, foi fluindo e... acostumei.

Não é de assustar o que Maria da Paz relata, que um dos grandes desafios na volta para a escola tenha sido entender o que a professora dizia: adequar-se à linguagem escolar, aos conteúdos vistos há tanto tempo; é compreensível que essa dificuldade tenha sido maior até do que as exaustivas demandas domésticas.

Quando retorna à sala de aula, a mulher enfrenta os mais diversos desafios para se matricular e permanecer em um curso de EJA. Significa superar a timidez, a questão de que mesmo mais velha é possível aprender, de que lugar de mulher é em casa e conviver com diferentes gerações (FERREIRA, 2005). Portanto, essa volta responde a um desejo acalentado ao longo de anos, desejo de concluir uma formação escolar abandonada por razões, sobretudo, de ordem familiar. (VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 50)

Garantir que as crianças cheguem na escola, alimentadas, bem cuidadas, estar disponível para ajudar em tudo, desde se alimentarem, se vestirem, fazerem as tarefas

escolares, preparar e servir todas as refeições todos os dias e limpar tudo após os filhos saírem para escola e esposo para o trabalho. A rotina da mulher/mãe/dona de casa é exaustiva e limitante: “Entre as camadas mais pobres da população, a permanência da mulher na posição de “dona de casa” pode ser um efeito casado das convenções de gênero e desemprego, não uma escolha que individualiza e dá sentido à vida” (BIROLI, 2018. p. 79).

Passar anos dedicando-se ao lar e aos trabalhos domésticos, cuidando das crianças, limpando, lavando, cozinhando, organizando, administrando as demandas domésticas e familiares, conversando com um bebê que mal começou a balbuciar suas primeiras palavras e ensinando tudo aos filhos enquanto eles crescem, do mais básico ao mais complexo.

De repente, mas não sem luta, consigo e com outros, essa mulher volta a conviver num espaço social, de aprendizagem, de construção de sua aprendizagem, ali ela não precisa cuidar de mais ninguém, apenas de si mesma, de seu constructo intelecto, mesmo que as preocupações com seu bebê pequeno, a família e seu lar se fizessem presente:

*É... Quando eu... aí eu comecei né!? a estudar, como eu já falei, e veio a maternidade, veio o filho! Então foi mais uma etapa difícil pra mim, porque, tinha, veio a questão né, de dona de casa, ter que... dar conta de estudar fora, ainda durante o dia em casa, com criança pequena, e também não tinha só ele! Tinha o outro filho também, o maior. **Mas o meu foco, ali no momento, eu não podia parar, porque eu só pensava: não, eu preciso estudar, eu tenho que estudar!** Aí vinha, aquela correria do dia a dia, vinha, trazia trabalho para fazer, aí várias vezes tinha que parar durante o dia para dar atenção para criança pequena, e quando eu saía era a pior parte, porque ele... eu ficava pensando: Eu tinha que deixar ele, uma criancinha, um bebê, em casa. É aquilo, porque mãe, a gente, eu não sei, se é só eu que sou assim, mas vem aquilo, a gente acha, mesmo sabendo que nosso filho vai ser bem cuidado, mas, nós somos a pedra principal ali no momento, assim pra o nosso filho, tipo é como se ele tivesse mais assim, cuidado com a gente, mesmo sabendo né, que outras pessoas também pode fazer esse papel, mas fica aquela preocupação. Aí eu ficava lá, às vezes ficava meio, meio desligada, aí eu ia, acendia aquela luzinha lá no fundo do túnel: não! **Eu preciso focar porque se é o que eu quero, eu vou focar nisso aqui.** E assim foi, assim, passando anos e anos e... cheguei aonde eu cheguei. (destaques da autora)*

No trecho acima Maria da Paz relata a preocupação com seus filhos, o mais novo que, ainda dependia bastante do vínculo mãe-filho, e também o mais velho com as demandas próprias de sua faixa-etária.

Aqui continua relatando as dificuldades vividas, entre elas, o medo de andar sozinha à noite, um medo que é típico da mulher, que se sente fragilizada diante das violências de gênero, medo que entre os homens não é muito comum. Ela fala também dos dias de chuva, e os palpites negativos das pessoas ao redor que, ao invés de estimular, tentavam fazer com que ela parasse de seguir seus ideais:

É... Teve também, assim, as dificuldades que eu tive muito, muito, muito mesmo, eu tinha muito medo. Tinha medo de sair à noite, né?! de casa, porque, a gente vai e chega certa hora, fica já mais tarde e esquisito, e eu tive que superar esse medo, dificuldade, às vezes não tinha companhia pra voltar para casa, aí vinha, pelos cantos dos muros, olhando prum o lado, pra o outro, achando que alguém ia chegar e, tipo... fazer alguma coisa... assalto, essas coisas né?! Foi muita superação, e num tinha só isso, tinha uns dias de chuva também, muita dificuldade, dia de chuva, aí você pensa assim, ah... hoje eu não vou não, mas, se você não for, é mais um dia que você tá perdendo, e a sede de aprender era tão grande, que eu ia com chuva, se tivesse chovendo canivete que fosse, mas, a vontade era de ir, e superar todos os medos, dificuldade. E também tinha, também eu tive a dificuldade das pessoas, as pessoas às vezes falava: Pra quê que você vai estudar? Numa idade dessa! Para quê que você vai estudar? Não tem mais o que ganhar não! Agora o que a gente tem que ganhar mesmo, que a gente já sabe para onde a gente vai, falava que era morte né?! Mas, mesmo assim, eu preferia não, não guardar aquilo né?! Dentro de mim, falava não, mas, eu quero, eu vou, o que os outros pensam para mim nunca importou tanto, o que me importou mesmo foi a minha vontade, e isso que fez eu persistir, insistir, senão, tinha chegado não, onde eu cheguei não.”

Afastando e bloqueando os comentários ela foi seguindo, sabia que sua força de vontade de seguir o seu sonho lhe levaria adiante dali e ignorando os comentários desestimulantes ela seguiu. “O desejo de mudar de vida, de sentir-se incluídas no mundo letrado, leva a aluna a enfrentar as diversas dificuldades existentes e a marcar sua presença nas salas de aula.” (SOUSA, 2011. p. 114).

A violência geracional se fez presente na vida de Maria da Paz, pessoas que a julgavam velha demais para estudar, como se o aprendizado tivesse idade para acontecer, a desestimulavam com esse tipo de comentários, e, como nada é tão ruim que não possa piorar, seu esposo também entrou no time dos desestimuladores. Para complicar um pouco mais, ele não enxergava a importância da continuidade de seus estudos, quando ela relembrou deste fato, fez questão de relatar na entrevista, como quem denuncia algo muito grave, e realmente o é:

É, muita das vezes mesmo, eu tava lá na sala de aula, né?! levava o celular porque era uma forma de... ter contato, né, criança pequena... o pai ficava com ele em casa, aí o meu marido ligava né?! Porque... meu filho era muito apegado a mãe, né, que sou eu, que já passava o dia, dizendo assim: que era pra mim parar de estudar, porque o menino tava lá chorando, eu tinha que ir para casa. Aí eu simplesmente pedia licença e ia no banheiro, e lá no banheiro eu falava que eu sentia vontade, eu falava pra ele: eu não vou parar, você é pai, você tem que ficar com ele aí. “mas ele tá chorando querendo você.” Eu falava: então mostre pra ele que você é o pai dele e ele não tá sozinho. Aí ele ficava “vem embora” eu: não vou embora, você vai ficar com seu filho! do jeito que você é... do jeito que eu sou mãe você é pai, e eu vou voltar a estudar, tchau! e desligava o telefone e saía, e pronto. E... isso se repetiu algumas vezes.

Demonstra, assim, força de vontade em seguir sua trajetória, mesmo sem o apoio do esposo, ela se impõe e continua a jornada estudantil, cobrando-lhe que exerça seu papel de pai. “Esta problemática é bem visível, uma vez que na nossa sociedade a mulher ainda é alvo de discriminação por parte do seu companheiro e que muitos deles não cuidam dos filhos,

estimulando a mulher a desistir da escola, o que acaba acontecendo na maioria das vezes.” (REIS, 2009, apud VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 50). Este poderia ter sido o caso de Maria da Paz, mas sua determinação e o enfrentamento ao esposo que insistia para que ela parasse de estudar, garantiram que, devagar, dia após dia, passo após passo, ela conseguisse continuar seus estudos e terminar seu ensino médio. Isto aconteceu em 2021, aos 41 anos de idade, com seus dois filhos crescidos, ela concluiu o ensino médio. Mas se engana quem acha que ela pensa em parar, ela tem planos de fazer um curso superior e já está de olho nos caminhos a seguir:

Eu... agora, que eu terminei, né, o ensino médio, eu pretendo, é, ainda continuar né?! Meu sonho ainda não foi realizado, essa é a primeira, né, das etapas. Inclusive eu terminei em... 2021, aí teve o Enem né, para fazer, porque eu tenho vontade de cursar faculdade, só que infelizmente, fiz a matrícula tudo direito, só que no dia de ir eu fiquei doente, aí ficou lá só o meu, mais uma vez o meu nome no papel, e eu não pude ir nem sequer fazer a prova, porque eu fiquei doente, mas NÃO desisto! próximo ano vai vir, anos né, e vou tentar; vou tentar fazer novamente e eu quero sim, cursar faculdade, tenho em mente o que eu quero ser; pra quê que eu vou, eu já tenho tudo na meta, na minha cabeça né, só falta mesmo eu botar em prática, eu não vou desistir!

Maria da Paz convive com alguns problemas respiratórios e esta condição lhe causa algumas crises, aqui ela contou sobre sua frustração ao não conseguir fazer a prova do ENEM por estar doente, sobre seu nome ficar apenas no papel, porém ela sabe que se não desistir, vai conseguir, e ela almeja fazer o curso de licenciatura em história, curso que ela pretende fazer desde pequena e se surpreendeu quando seu filho mais velho decidiu, sem saber o que ela sonhava, fazer o mesmo curso.

Ai como eu tenho em mente o que eu quero, agora é isso, que eu tenho na minha mente é desde criança, não mudou, é desde lá, até agora, e eu pretendo, eu quero, eu quero fazer história, é, eu me identifico muito com isso, eu acho muito... interessante, assim, a profissão: professor! é uma... eu acho muito, muito bonito, interessante, e eu quero, eu quero e eu quero e eu vou conseguir; não sei quando, mas eu vou.

Em todas as falas, ela transparece muita força de vontade e disposição para continuar sua jornada em busca do conhecimento, em busca do seu sonho de cursar o ensino superior e se tornar professora de história. Sua história de vida é cheia de superações com relação à própria sobrevivência e dos demais que estavam ao seu lado, e quando eu lhe indaguei sobre o que ela considera superação em sua vida a resposta veio certa:

*Ah... Então, diante de tudo que eu passei, eu me considero mais do que, muito mais do que... superei todos, todos, todos os obstáculos, mais impossível que, eu achava que era impossível, mas não foi impossível, eu vi que tudo é possível, quando queremos, eu vi que não adianta a gente se prender a coisas que, às vezes a gente passa muito tempo, tipo se privando pra não fazer o que realmente quer, a gente tem que fazer o que a gente queremos, na hora que a gente queremos, não se importar com nada, ainda mais quando é sonho, **isso pra mim, foi um sonho que eu realizei,***

eu terminei o ensino médio! Às vezes eu me pego, eu pego abro a minha gaveta lá, só para olhar o meu certificado do ensino médio. Porque, para muitas pessoas não é nada, mas, para mim significa muito, muito mesmo, é como se eu tivesse concluído o ensino superior, para mim é assim, é a mesma importância, é o que eu penso, aí eu olho às vezes até mostro pro meu marido, olha eu tenho ensino médio! Porque, para mim, foi muito importante, foi muita superação e muitos obstáculos, então, eu tô muito feliz, contando que não parei por aqui, vou continuar!

Para muitas pessoas, que nunca tiveram dificuldades para viver, se alimentar, e estudar como a família de Maria da Paz teve, a conclusão do ensino médio pode significar pouco, mas para uma mulher como ela, que teve que se tornar responsável por parte do sustento de sua família aos 13 anos, e que após longos anos distante da escola resolve voltar a seguir o seu sonho de uma formação superior e retoma os estudos em uma turma de EJA, já como mãe, com problemas de saúde e com filhos e esposo dependendo de seu trabalho contínuo em casa, a superação é ela mesma. Os obstáculos foram contornados, cada um a seu tempo, porém essa história não acaba por aqui. Em quase todas as suas falas, ela garante que vai continuar seguindo e construindo seu sonho de ser professora de história.

As histórias das mulheres mães, sujeitas à pesquisa, encontraram pontos de identificação com a minha história. Somos todas de famílias pobres do interior da Paraíba, que migram para a capital, com duas crianças cada, e concluem - algumas desde o ensino fundamental - o ensino médio na modalidade EJA, conciliando trabalho reprodutivo sem divisão justa com os pais das crianças, trabalho de cuidados direcionados à pessoas da família e trabalho doméstico com o tempo para estudar, bem como o trabalho remunerado e os vários trabalhos desempenhados sem o salário justo, visto que ainda há desigualdades salariais entre mulheres e homens no Brasil.

Além de todos estes fatores, soma-se a falta de divisão justa do cuidado dos filhos com os pais das crianças, mesmo, em alguns casos quando este é esposo da mulher mãe. A socialização do cuidado de forma desigual entre os gêneros binários causa problemas que vão além da esfera privada, interferindo principalmente no tempo de estudo e formação para as mulheres mães.

*Se por toda uma vida
Busquei por bons momentos
Mesmo com tantos problemas
Que não fui eu que criei*

*Mulher já nasce crescida
Tem que saber de onde vem
Tem que abraçar cada dia
Tem que dançar bem, tem que ser atrevida*

*Cantando eu fiz minha trilha
E como eu sou feliz
De alguma dor, faço um tema
Do desamor nasce um bom refrão*

*Mas por dentro eu me encanto
Sei voar na canção
Com a voz que me faz bem cantar*

*É o meu sonho subindo a ladeira
Melodia que eu trago do berço
Que te embala faz tempo nas luas mais cheias
Que brilham ao escurecer*

*Música: Brilham ao escurecer
(ANA COSTA - ZÉLIA DUNCAN, 2019)
CANTA: ÁUREA MARTINS*

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

As mulheres mães procuram a modalidade EJA para continuarem seus estudos que em alguns momentos de suas vidas foram interrompidos, algumas vezes esta ruptura se dá pelo fato delas precisarem trabalhar, outras por se casarem ou por estarem grávidas, por não terem rede de apoio com quem dividir os cuidados com a prole ou por não compartilharem esse cuidado com os próprios pais das crianças. Inúmeros são os fatores que levam as mulheres a abandonar os estudos em várias fases de suas vidas.

Ao se matricularem na EJA, almejam conseguir retomar os estudos e concluí-los em

um tempo menor em relação ao tempo habitual do ensino na idade regular. Conciliando o tempo de estudo com a tarefa do trabalho reprodutivo -por muitas vezes exclusivo- de cuidado com os/as filhos/as, também o trabalho produtivo remunerado, o trabalho doméstico e por vezes cuidados com outros membros da família. A mulher segue tentando se educar e se afirmar através dos estudos e assim melhorar suas condições de vida.

As maiores dificuldades que as mulheres encontram para continuar estudando está atrelada justamente a dificuldade de conciliar tais demandas, que geram a sobrecarga do trabalho feminino, trabalho esse que geralmente é de cuidado, cuidado exclusivo das crianças, -que o pai geralmente se esquivava, mesmo que ainda continue ao lado da mulher como marido- cuidado com outros membros da família, trabalhos baixo remunerados que envolvem a questão do cuidado como característica principal, seja a mulher trabalhadora doméstica como Fátima, cozinheira, manicure, lavadeira, cabeleireira, enfermeira, pedagoga como eu, ou babá que é a atual função de trabalho remunerado de Maria da Paz hoje, entre outras funções relacionadas ao cuidado que em sua grande maioria são atribuídas às mulheres.

Mesmo assim, com muita persistência algumas mulheres driblam o tempo e vão conciliando suas demandas com o estudo, o fato da EJA funcionar à noite possibilita que a mulher se dedique às outras demandas durante o dia, e ela vai rompendo as barreiras de preconceitos, cansaço, e invisibilização dos trabalhos de cuidado, dando pequenos passos, dia após dia, noite após noite, até que conseguem concluir ciclos de aprendizado, tal qual Fátima está trilhando no 2º ano do ensino médio, Maria da Paz conseguiu concluir seu ensino médio em 2021, e eu estou concluindo -com este trabalho- o curso de pedagogia.

As mulheres mães da EJA almejam melhores condições de vida e trabalho. Fátima por exemplo sonha em ser chef de cozinha, Maria da Paz sonha em ser professora de história, e eu sonho em ser professora universitária no campo das questões relacionadas às mulheres, ou parteira, mesmo sabendo do longo percurso que precisamos percorrer para conseguir exercer tais funções com propriedade de conhecimento e formação adequada.

As considerações provisórias construídas a partir da pesquisa realizada não têm por objetivo esgotar nem concluir a discussão sobre gênero, maternidade, classe e raça no contexto educacional da EJA, apenas, de modo elementar, introduzi-la. Este tema ainda está em formato embrionário no campo das pesquisas sobre EJA e maternidade no Brasil. Muitos estudos comprometidos e análises profissionais se fazem necessárias nesta área e não era minha pretensão como estudante de pedagogia responder a todas as questões suscitadas durante a pesquisa, apenas ser mais uma problematizar as injustiças sociais, resistindo às intempéries causadas pelo Estado capitalista e neoliberal e perpetuadas pelos detentores do

poder. Meu grito é de resistência e de denúncia, assim como meu texto, ao contar parte da minha história e trazer parte das histórias das mulheres mães, sujeitas da pesquisa.

Dito isto, considero que a própria dificuldade de realizar a pesquisa se relaciona com o fator interseccional das avenidas de exclusão trilhadas por mim e que me torna também participante da pesquisa. Avenidas que constituem as formas como a sociedade nos obriga a viver. Avenidas de gênero, raça/etnia, classe social, lugar geográfico, heranças históricas do patriarcado entre outras.

Ao ser colocada como única pessoa a se preocupar com o bem estar físico, mental, psíquico e emocional de filhos e filhas, a mulher mãe se vê em uma espiral de preocupações, tarefas e demandas praticamente intermináveis que afetam outros campos de sua vida, a saber; psíquico, pessoal, profissional, e de formação. Esta nuance se faz presente mesmo quando o pai das crianças é também esposo da mulher, visto que aos homens a sociedade atribui e cobra apenas a responsabilidade de prover financeiramente, e que na maioria dos casos, nem a dimensão financeira da vida das crianças é suprida pelo genitor. Por outro lado, resta à mulher mãe as maiores preocupações e demandas com a prole. Invisibilizadas em ambientes domésticos, nós mulheres trabalhamos por nós mesmas e pelos nossos filhos e filhas.

Suprimos necessidades de diversas ordens, desde as refeições do dia até a integridade física, emocional, afetiva e psíquica de nossas crianças. Mantemos a casa, as roupas e as pias limpas, ou tentamos. Nos revezamos entre nós mesmas, e nossas filhas e filhos para conseguir manter tudo funcionando.

Desenvolvemos formas de conseguir trabalhar produtivamente para sustentarmos a nós e às nossas crianças quando os pais das mesmas não têm a menor noção do que se passa no dia a dia delas. Esta sobrecarga nos afeta de diversas maneiras e como não poderia ser diferente, na dimensão do aprendizado e tempo para estudo e na dimensão da formação para o trabalho produtivo também.

Aqui nós falamos; Existimos! Resistimos! Estamos lutando por melhores condições de vida. Queremos um futuro melhor para nós mesmas e para nossas crianças! Estudar é sim para pessoas como nós! Entre as opções, desistir definitivamente, nunca esteve entre elas!

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BENETTI, Raelly Beatriz Gomes; INADA, Jaqueline Feltrin. **Impactos do abandono paterno infantil no âmbito amoroso: um estudo psicanalítico**. Paraná. IX Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica. II Mostra Interna de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Informação. 2018.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação Escolar Indígena no século XX: da escola para os índios à escola específica e diferenciada**. In: BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. Histórias e memórias da educação no Brasil vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023.
- COSTA, Ana. DUNCAN, Zélia. **Eu Sou Mulher, Eu Sou Feliz**. Editora: Zambo Produções / Duncan Edições Musicais (DC Consultoria). 2019. Álbum musical: 16 músicas, 54 min, 28 s. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_n-_u_Gw7dzyK_4S_qEnrRFy__OE6Qq25M> Acesso em: 05 jun. 2023.
- CRIOLO. Espiral de ilusão. **Espiral de ilusão**. São Paulo. OLOKO RECORDS, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KKPoh9YNnxw>> Acesso em: 2 mar. 2023.
- CUNHA, Luiz Antônio. GÓES, Moacyr de. **O Golpe na Educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 95p.
- EITERER, Carmem Lucia; DIAS, Jacqueline D'arc; COURA, Marina. **Aspectos da escolarização de mulheres na EJA**. Perspectiva (UFSC) , v. 32, p. 161-180, 2014.
- ERTHAL, Juliana Dias. **Apagamento do indígena nas narrativas de construção do Brasil sob a perspectiva da sociolinguística decolonial**. Pernambuco. VII SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução: Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GODINHO, Ana Claudia Ferreira; BRANDÃO, Nagela Aparecida; NORONHA, Ana Catharina Mesquita de. **Contribuições do pensamento freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na educação de jovens e adultos**. Revista Inter Ação, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 020–037, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/43832>> Acesso em: 25 ago. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio**. Agência IBGE notícias. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>> Acesso em: 03 mai. 2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra. & BAUER, Martin W. A Entrevista Narrativa. BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, (p. 90-113).

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos Após 20 vinte anos da Lei nº 9.394, de 1996. Retratos da Escola, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 429–451, 2017. DOI: 10.22420/rde.v10i19.687. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/687>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MONTENEGRO, Oswaldo. Me Ensina a Escrever. **Me Ensina a Escrever**. Rio de Janeiro. Oswaldo Montenegro Produções Artísticas, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B2GW-2FWZVU>> Acesso em: 2 mar. 2023.

OLIVEIRA, V. M. de; SATRIANO, C. R. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. Linhas Críticas, [S. l.], v. 23, n. 51, p. 369–386, 2018. DOI: 10.26512/lc.v23i51.8231. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>> Acesso em: 14 jun. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene Lélia Souza do; OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação**. Revista Lusófona de Educação, 33º vol. p. 111-125, 2016.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres e Educação no Brasil-Colônia: Histórias entrecruzadas. **Revista HISTEDBR On-line**. v. 1, p. 1-26, 2007.

SCHERER, Ana Lúcia; GRECCO DOS SANTOS, Rita de Cássia. O retorno da mulher à sala de aula Educação de Jovens e Adultos: desafios/perspectivas. **Revista de Estudos Interdisciplinares**. [S. l.], v. 3, n. 3, p. 37–51, 2021. Disponível em: <<https://ceeinter.com.br/ojs3/index.php/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/151>> Acesso em: 8 set. 2022.

SOUSA, Ednalva Farias de. Autoestima e o processo de aprendizagem dos educandos da EJA. CARVALHO. Bernardina Silva de. **A Educação de Jovens e Adultos no município de João Pessoa: tecendo reflexões**. 2. ed. Editora Universitária da UFPB, 2011. 214p.

SOUSA, Israel Soares de. História, memória e identidade na Educação de Jovens e Adultos. CARVALHO, Bernardina Silva de. **A Educação de Jovens e Adultos no município de João Pessoa**: tecendo reflexões. 2. ed. Editora Universitária da UFPB, 2011. 214p.

SOUTO, Caroline. Ritual. **Caça e caçadora**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9t_7ON6fzkg&list=PLNxdVqMpqaDKK39vUSRiSgJbiuX-kZwk6&index=3&ab_channel=SoutoMC> Acesso em: 03 mai. 2023.

SPIGOLON, Nima Imaculada. Pedagogia da convivência: Elza Freire: uma vida que faz educação. 2009. 238 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1610476>. Acesso em: 9 mai. 2023.

VIEIRA, Maria Clarisse; CRUZ, Karla Nascimento. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. **Educação**. v.42, n.1, p. 45-56, jan/abr. 2017.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Título do Projeto: MATERNIDADE E EJA: DAS DIFICULDADES ÀS SUPERAÇÕES, QUANDO NÃO EXISTE A OPÇÃO DESISTIR

Pesquisadora Responsável: LISSANDRA CASSIANO DE OLIVEIRA

Telefones para contato: (83) 9 8614-0082 (whatsapp)

Instituição a que pertence o/a Pesquisador/a Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Nome da voluntária: _____

Idade: _____ anos R.G.: _____

A Sra. está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa “MATERNIDADE E EJA: DAS DIFICULDADES ÀS SUPERAÇÕES, QUANDO NÃO EXISTE A OPÇÃO DESISTIR”, de responsabilidade da pesquisadora LISSANDRA CASSIANO DE OLIVEIRA.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso justifica-se pela necessidade de ampliar a discussão em torno dos desafios, estratégias de superação e sonhos das mulheres mães estudantes da modalidade de ensino EJA - Educação de Jovens e Adultos.

Objetiva trazer à luz, sob a análise de entrevistas autobiográficas, os desafios e dificuldades vivenciados por mulheres mães estudantes para conciliar as tarefas maternas e estudantis, bem como suas estratégias de superação e seus desejos e expectativas alimentados com a continuidade dos estudos.

A coleta de dados será realizada presencialmente, no formato de entrevista autobiográfica, prezando pela melhor forma de organizar, salvar e analisar as entrevistas, será utilizada a plataforma de conversação online *whatsapp* para registrar as perguntas e respostas em forma de conversa gravada em áudios.

Alguns desconfortos emocionais e/ou pessoais, relacionados à própria história de vida das participantes poderão ser sentidos pelas mesmas, ou pela pesquisadora, que também é participante da pesquisa. Não há outras formas de riscos para as participantes da entrevista.

Os benefícios para a voluntária e a comunidade residem na possibilidade de melhor caracterizar e compreender os desafios enfrentados pelas mulheres mães da EJA, bem como as superações ao longo da trajetória estudantil e as expectativas de melhores condições de vida sustentadas através da continuidade dos estudos.

Eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios, e outros assuntos relacionados à pesquisa ou com o tratamento individual deverão ser encaminhadas à pesquisadora através do número de whatsapp disponibilizado acima.

A participação é voluntária e este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos à continuidade do tratamento.

É garantida a confidencialidade das informações geradas e a privacidade de todas as colaboradoras. Para isso, deverão ser adotados nomes fictícios, com a possibilidade de escolha da participante.

Eu,

_____,
RG nº _____ declaro ter sido informada e concordo em participar, como voluntária, do projeto de pesquisa acima descrito.

João Pessoa, ____ de _____ de _____

IDENTIFICAÇÃO DAS PARTICIPANTES E ROTEIRO* DA PESQUISA

Nome: _____ Idade: _____

Nome fictício escolhido: _____

Naturalidade: _____

Cor/Etnia: _____

Profissão: _____

Composição familiar atual: _____

Formação e/ou profissão da Mãe: _____

Formação e/ou profissão do Pai: _____

Início da vida escolar: _____

Tipo de escola: _____

Idade em que se tornou mãe: _____

Número de filhos: _____

Idade dos filhos: _____

Pausa(s)/Interrupções nos estudos:

Motivos:

****As seguintes perguntas podem ser respondidas em áudio e gravadas a fim de preservar o carácter autobiográfico da pesquisa:***

Por quais motivos parou de estudar na escola regular?:

Por quais motivos se matriculou na EJA?:

Quais desafios enfrentou e/ou enfrenta para conseguir estudar?:

Como a maternidade se relaciona com sua vida estudantil?:

O que pretende fazer após a conclusão do ensino médio?:

O que você considera como superação em sua trajetória?: